UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCOS GONÇALVES FABRI

LINGUÍSTICA, ATIVISMO, POLÍTICA E IDEOLOGIA NA VIDA E NA OBRA DE NOAM CHOMSKY

MARÍLIA
2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCOS GONÇALVES FABRI

LINGUÍSTICA, ATIVISMO, POLÍTICA E IDEOLOGIA NA VIDA E NA OBRA DE NOAM CHOMSKY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"-UNESP-campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestrado Acadêmico.

Linha de pesquisa: Pensamento Social, Educação e Políticas Públicas.

MARÍLIA
2022

F124l

Fabri, Marcos Gonçalves
Linguística, ativismo, política e ideologia na vida e na obra de Noam Chomsky / Marcos Gonçalves Fabri. -- Marília, 2022
85 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

1. Um estudo sobre o aproveitamento dos escritos políticos de Noam Chomsky para as áreas das Ciências Sociais e das Relações Internacionais. 2. Uma breve exposição das teorias linguísticas de Noam Chomsky. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARCOS GONÇALVES FABRI

LINGUÍSTICA, ATIVISMO, POLÍTICA E IDEOLOGIA NA VIDA E NA OBRA DE NOAM CHOMSKY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Ciências Sociais

Linha de pesquisa: Pensamento Social, Educação e Políticas Públicas.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília.

Prof. Dr. Aluisio de Almeida Schumacher

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília.

Prof. Dr. Gabriel Cunha Salum

Faculdade de Direito da Alta Paulista

Marília, 23 de setembro de 2022.

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Maria.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, uma palavra que já ganhou graças em um certo costume de algumas pessoas em nossa época.

Eu gostaria de agradecer a todos os seres que passaram pela minha vida, mas especialmente aos professores que fizeram parte da minha história e do meu aprendizado.

Gratidão aos professores que me deram atenção da educação infantil até o ensino médio, obrigado aos professores da EE Benedito Gebara e aos professores do Liceu Noroeste.

Gratidão aos professores da UFSCar.

Gratidão aos professores do programa de pós-graduação de Ciências Sociais da Unesp de Marília.

Bem, também quero deixar meu obrigado, muito obrigado, às professoras Mariana, Marina e Solange, sobretudo amigas queridas.

“Cuando estos pueblos cuenten con la posibilidad real de pensar por sí mismos en todos los órdenes del pensamiento, es que ya van camino de la libertad y de la posesión plena de sí mismos. He ahí el para qué de la filosofía.”

(Ignacio Ellacuria)

RESUMO

Além de revolucionar a área da Linguística, Noam Chomsky também é um proeminente autor de escritos políticos. Levando-se em consideração seus dados biográficos, nota-se que foi mantido um profundo engajamento político orientado à esquerda durante toda sua vida, contudo, é a partir da década de 60, que seu ativismo se intensifica e são publicados textos que podem ser considerados marcos iniciais de sua obra política. A temática de um de seus trabalhos mais clássicos, **O poder americano e os novos mandarins**, envereda por caminhos que dizem respeito às áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, e embora a produção que se seguiu tenha continuado a explorar análises de política internacional, o autor permanece marginalizado nos campos. De um lado, há esforços de estudiosos para garantir-lhe um espaço nessas áreas, de outro, acadêmicos criticam seus escritos e posições. A presente dissertação pretende, a partir de uma síntese bibliográfica, fazer uma breve apresentação da teoria linguística de Chomsky, na qual discuta pontos de discordância com os behavioristas, ademais se propõe a introduzir as bases estruturais da gramática gerativa e observar seu funcionamento em enunciados de português e sua importância na aprendizagem de algumas habilidades curriculares da disciplina Língua Portuguesa do estado de São Paulo. Além disso, pretende avaliar o aproveitamento de alguns aspectos dos escritos políticos e da atuação ativista de Chomsky para as áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, procurando situar o autor diante das perspectivas de tais áreas. Os resultados da pesquisa foram satisfatórios. Atual e polêmica são as discussões que o autor suscitou no campo da Linguística, e a evolução dos estudos gerativistas no Brasil demonstrou a aplicabilidade da teoria da sintaxe no português. Não menos importantes são os debates envolvendo Ciências Sociais e Relações Internacionais, campos para os quais o autor traz questionamentos relevantes e contemporâneos.

Palavras-chave: Noam Chomsky. Linguística. Língua Portuguesa. Escritos políticos. Ciências Sociais. Relações Internacionais.

ABSTRACT

Besides revolutionizing the Linguistics area, Noam Chomsky is also a distinguished author of political writings. Taken into account his biographical data, one notices that a deep engagement oriented to the Left has been kept during all his life. Howewer, his activism has intensified since the 60's, and texts that can be considered initial milestones of his political work were then published . The thematic of one of his more classical works, **American power and the new mandarins**, takes a path that involves areas of Social Sciences and International Relations, and although the production that follows had been kept to explore international policy analyses, the author remains marginalized in the fields. On one hand, there are efforts of scholars to ensure him a space in these areas, from another side, academics criticize his writings and positions. The present dissertation intends, from a bibliographical synthesis, make a brief presentation of the Chomsky's linguistics theory, in which discusses points of disagreement with the behaviourists. Morover, it proposes an introduction to the structural basis of the generative grammar and observe the functioning in portuguese structures and the importance of learning some curricular abilities of the Portuguese Language discipline of São Paulo state. Furthermore,

it intends to evaluate the usage of some aspects of Chomsky's political writings and his activistic actuation to the areas of Social Sciences and of International Relations, pursuing to situate the author in face of the perspectives of these areas. The results of the research were satisfactory. Current and polemic are the discussions that the author provoked in the Linguistics field, and the evolution of the generative studies on Brazil has shown the applicability of the sintaxis theory in portuguese. No less important are the debates involving Social Sciences and Internacional Relations, fields for which the author brings relevant and contemporary questions.

Keywords: Noam Chomsky. Linguistics. Portuguese language. Political writings. Social Sciences. International Relations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....7

1.1 Justificativa.....15

1.1.1 *Objetivos gerais e específicos*.....16

1.1.1.1 Procedimentos metodológicos e resultados esperados.....18

2 A LINGUÍSTICA E A LINGUAGEM HUMANA, O GERATIVISMO E A LÍNGUA PORTUGUESA.....20

2.1 Metalinguagem gerativista e diagrama arbóreo, estudos gerativistas aplicados à sintaxe do português.....30

3 DE INTELECTUAIS E MOVIMENTOS; CIÊNCIAS SOCIAIS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DISSIDÊNCIA.....40

4 INTELECTUAIS DISSIDENTES NA AMÉRICA LATINA, VOZES SILENCIADAS.....65

5 CONCLUSÃO.....75

6 REFERÊNCIAS.....78

1 **INTRODUÇÃO**

Ao se defrontar com o trabalho do ativista, filósofo e linguista, Noam Chomsky, é possível dizer que o mesmo é um intelectual de atividades diversificadas que produziu muito durante toda sua vida a respeito do que se propôs a analisar.

Esta breve introdução se propõe a fazer uma pequena relação de alguns dos principais temas abordados por Chomsky, apresentar os parâmetros teórico-metodológicos utilizados na escritura da presente dissertação e especificar quais serão os objetos e os objetivos da pesquisa.

Contudo, primeiramente, julga-se necessário fazer um apanhado resumido de alguns traços biográficos e de algumas influências intelectuais do autor, características com as quais não se pretende uma análise profunda, de conexão entre o pensamento da influência e o pensamento de Chomsky, ou do reflexo desse diálogo na obra política do mesmo, tampouco em Linguística, mas o fato é que citar tais características é importante para revelar essas conexões, tanto na abordagem linguística, quanto na criticidade do pensamento político do autor.

Quando se busca um perfil do Chomsky político, é útil observar algumas das particularidades de sua biografia, as quais ajudam a entender seus posicionamentos e críticas, seja nos momentos da efervescência cultural de sua adolescência, época em que frequentava grupos de esquerda e anarquistas, seja já em sua cadeira no MIT (Massachussets Institute of Tecnology) enquanto protestava contra a Guerra do Vietnã, ou mesmo em seu engajamento direto e indireto em causas de várias partes do globo durante sua trajetória. (BARSKY, 2004)

Além da educação recebida em casa de seus pais, imigrantes russos professores de hebraico que tinham uma sólida formação intelectual, na Filadélfia, a escola primária seguia uma tradição educacional progressista baseada no filósofo John Dewey, citado pelo autor como influência importante em sua formação, já a escola secundária é citada com certo desinteresse, porém, na mesma época, passou a frequentar Nova York e assimilou uma cultura que marcaria profundamente seu pensamento. (BARSKY, 2004)

As idas do jovem Chomsky à Nova York durante a Grande Depressão o agradavam porque lá podia ir até as livrarias e adquirir os volumes que ansiava por ler, além disso, se relacionava com grupos de trabalhadores e imigrantes judeus, os quais, com outras famílias, formavam uma espécie de comunidade no seio da cidade norte-americana, comunidade empobrecida, entretanto bem provida intelectualmente, a qual configurava um tipo de classe operária culta. (BARSKY, 2004)

Um desses trabalhadores que era seu parente, um tio, conseguiu uma licença social de deficiente físico para obter trabalho numa banca de jornal, a qual embora não desse lucro, acabou se tornando um ponto de encontro de discussões intelectuais desses proletários, nas quais havia uma variedade de ideias de esquerda, principalmente as que marcam o pensamento chomskyano, ou seja, marxistas não bolcheviques e anarquistas, tendências também encontradas na redação do jornal anarquista **Freie Arbeiter Stimm**e, do qual alguns textos eram escritos por Rudolf Rocker, pensador anarquista que é uma das principais influências de Chomsky. (BARSKY, 2004)

Além de Rocker, há outros pensadores com quem Chomsky travou conhecimento ainda jovem que o influenciaram, pode-se citar outros nomes anarquistas, como Peter Kropotkin e Michael Bakunin (BARSKY, 2007), e de esquerda não bolchevique, como Antonio Gramsci, Karl Korsch e Rosa Luxemburgo, marxistas que, segundo ele, conceberiam formas marxistas bem próximas ao anarquismo, Korsch, por exemplo, apoiava a causa anarquista da Guerra Civil Espanhola, evento também estudado por Rocker, de extremo interesse para Chomsky e discutido por ele algumas vezes, que foi também buscado em outra grande influência, George Orwell, cuja descrição da sociedade anarquista formada na Espanha está em **Homenagem à Catalunha**. (BARSKY, 2004)

Outra personalidade que foi muito importante para Chomsky foi Bertrand Russel:

> Quando jovem, Chomsky descobriu o matemático, lógico e filósofo britânico que percebeu (bem mais tarde em sua vida do que Chomsky) que as classes dominantes possuem os meios de produção e, portanto, são levadas a legitimar seu poder. Russel foi uma inspiração para Chomsky. Primeiro, foi uma influência importante em seu pensamento quanto à filosofia e à lógica. Segundo, ele tinha um comprometimento profundo semelhante ao de Chomsky com a causa da libertação popular. Terceiro, ele era muito ligado ao mundo da universidade como erudito e acadêmico, enquanto agia simultaneamente em favor das classes inferiores e oprimidas. E, quarto, ele mantinha seus pontos de vista mesmo que isso significasse pôr sua reputação, ou até sua liberdade em risco. (BARSKY, pp. 49-50, 2004)

Para finalizar essa série de citações às influências de esquerda que o autor conheceu cedo, é necessário mencionar Anton Pannekoek, professor de astronomia e liderança de um grupo chamado Comunistas de Conselho Internacionais, na Holanda, e Paul Mattick, teórico oriundo do movimento dos Comunistas de Conselho alemão, que se mudou para os EUA na segunda década do século XX, e cujos escritos também influenciaram o linguista em seu pensamento. (BARSKY, 2004)

Além dos pensadores anteriormente citados, outros que o autor cita como referência são os iluministas escoceses, como David Hume e Adam Smith, além do que ele chama de pensadores cartesianos, como Wilhelm von Humboldt, René Descartes e Jean-Jacques Rousseau, que de alguma forma influenciaram o pensamento sobre linguagem (BARSKY,

2007), contudo, nesse campo, sua principal influência é Zellig Harris, seu orientador na universidade da Pensilvânia, um linguista da escola bloomfieldiana, que além de poder figurar entre os nomes que o influenciaram no pensamento político (BARSKY, 2004), colaborou para que Chomsky chegasse a seu estudo avançado de Linguística, o qual lhe rendeu notoriedade na área. (LYONS, 1970)

Outros autores que são importantes para o presente trabalho, são os contemporâneos de Chomsky, amigos e colaboradores, como é o caso de Howard Zinn, Edward Herman e David Barsamian, e outro mais distante, porém que teve papel fundamental no movimento contra a guerra do Vietnã e é citado no artigo **Da resistência**, que integra **O poder americano e os novos mandarins**, se trata do escritor Norman Mailer, que aparece no artigo numa descrição que fez o linguista sobre seus companheiros de cela após a prisão que resultou da Marcha sobre o Pentágono. (CHOMSKY, 2006b)

A importância de citar esses autores é a orientação que segue o pensamento do linguista em relação à criticidade e à abordagem política.

A juventude durante a Grande Depressão, em meio a pessoas que possuíam os valores socialistas da classe trabalhadora nova yorkina e junto a uma comunidade judaica na qual havia espaço para ideias de esquerda e para o conceito de binacionalismo em Israel, é um período citado por Chomsky como influência de seu olhar crítico. Com dez anos de idade escreveu um artigo sobre a queda de Barcelona em 1939, com doze fez a revisão de um artigo sobre a Guerra Civil Espanhola de Gabriel Jackson (MANUFACTURING..., 1988, 28 min 34 s), diz que desde muito cedo recebeu a influência dos pensadores anteriormente citados, cuja maioria mantinha ideias anarquistas e marxistas não bolcheviques (BARSKY, 2004), e embora o autor possa recuperar noções de liberais clássicos (LAFFEY, 2003), parece buscar suas concepções filosóficas mais profundas na esquerda.

Diante das diversas facetas de atuação intelectual do pensador, pode-se destacar algumas que se considerarão de maior importância para este estudo e também listar outras de menor relevo para o trabalho que a abrangência de seu pensamento suscita, além disso, embora muitas das realizações do autor assumam o formato de texto, as frentes de trabalho se ampliam em palestras, documentários em vídeo e entrevistas, ademais, o intelectual possui uma biografia marcada por ativismo e dissidência política.

O autor é um dos pensadores mais reconhecidos de nosso tempo (BARSKY, 2007), e isso se deve tanto a seu trabalho em Linguística, disciplina que será abordada com brevidade nesta dissertação, quanto por sua atuação na área política, conceito que aqui denotará o restante

da produção que se distancia dos estudos linguísticos, principalmente textos que mantêm relações com a área das Ciências Sociais.

Longe de se pretender que a complexidade das questões e temas abordados por Chomsky se restrinjam a esta divisão simples, ou se circunscrevam a essas áreas, tal abordagem ajudará a organizar os pontos cruciais desta introdução.

> Chomsky é uma das mais importantes figuras deste século e é descrito como um daqueles que serão para as futuras gerações o que Galileu, Descartes, Newton, Mozart e Picasso foram para a nossa. Ele é o ser vivo mais citado do mundo – 4 mil citações de sua obra estão relacionadas no *Arts and Humanities Citation Index* (Índice de Citações de Artes e Humanidades) de 1980 a1992 – e é o oitavo numa lista, que inclui Marx e Freud, das figuras mais citadas de todos os tempos. [...] Entre as inúmeras honrarias com as quais foi agraciado, consta o Prêmio Kyoto em 1988, descrito como o equivalente japonês ao Prêmio Nobel por suas contribuições às ciências básicas.
> Chomsky já publicou mais de setenta livros e mais de mil artigos, numa variedade de áreas que inclui linguística, filosofia, política, ciências cognitivas e psicologia. Tornou-se professor adjunto do Massachusetts Institute of Technology aos 29 anos e professor titular aos 32. Aos 37, recebeu uma bolsa de estudos para professor visitante, para lecionar e fazer pesquisa, e aos 47 anos tornou-se professor doutor do instituto, uma honra reservada somente aos que mais se destacam dentre o corpo docente. Uma enorme coleção de prêmios e honrarias lhe foi conferida por sua obra em uma variedade de disciplinas e áreas, inclusive aquelas, como linguística e ciências cognitivas, que ele próprio revolucionou. Um número imenso de artigos e livros foi dedicado à sua obra e, recentemente, uma coleção com oito volumes contendo mais de cem desses artigos publicada pela Editora Routlege como parte de sua "Série de Avaliações Críticas". (BARSKY, pp. 15-16, 2004)

Devido à pluralidade de áreas e quantidade de informações que giram em torno da figura de Chomsky, esta dissertação trabalhará com alguns recortes da biografia e da obra em questão, os quais serão selecionados mediante o critério de relevância para os objetivos do estudo, e apesar destes objetivos estarem relacionados às implicações de seus escritos políticos, optou-se por dedicar um capítulo com objetivo distinto acerca das contribuições do autor para a Linguística, seu campo de origem, o qual ajudou a revolucionar.

Os recortes selecionados para a presente dissertação foram escolhidos levando-se em consideração quatro principais eixos temáticos explorados por Chomsky em suas obras, tanto na parte de estudos da linguagem, como na parte de escritos políticos.

Primeiramente, em relação à sua pesquisa em Linguística, é interesse para este texto a abordagem científica que descreve as propriedades matemáticas da linguagem, da sintaxe, para ser mais preciso, e o modo como essa abordagem, chamada de gerativismo, colaborou para o estudo da descrição do funcionamento das línguas e abriu caminho para a descoberta do que possivelmente seria uma Gramática Universal.

Outra temática cara aos estudos linguísticos chomskyanos é a posição que o autor assume dentro do campo da Ciência Cognitiva, o linguista assenta suas concepções sobre o viés da teoria inatista, que segundo Silva (2017), é a teoria na qual um tipo de conhecimento como

a linguagem humana seria inato, genético e não dependente de fatores externos, os inatistas se opõem aos behavioristas, para estes a aquisição da linguagem se daria a partir de estímulos do meio (SILVA, 2017), daí a crítica de Chomsky a B. F. Skinner.

Passando para o campo da obra política, outros dois temas são de interesse para esta dissertação.

O primeiro, mais abrangente, diz respeito às noções de responsabilidade intelectual e aos comentários de Chomsky sobre política internacional, além das conexões entre esses dois pontos de interesse da obra em questão. Esses assuntos são os que mais profundamente mantém laços com os campos de Ciências Sociais e de Relações Internacionais.

O segundo, que será examinado em menor profundidade, são as análises sobre mídia e propaganda, as quais o autor cita com frequência em alguns de seus livros e que mantêm relações com os comentários sobre responsabilidade intelectual, a maioria dessas análises são de posições públicas de intelectuais e das vicissitudes dos grandes veículos de comunicação.

Além desses temas encontrados em sua obra, é necessário que se dê atenção à sua atuação como ativista, pois é uma atividade que sempre caminhou junto com a produção textual e se refletiu nesta assumindo caráter de denúncia.

Durante sua trajetória como ativista, Chomsky se dedicou a várias causas de diferentes partes do globo, algumas muito de perto, presencialmente, outras somente com textos e palestras, mas sempre mantendo uma vigilância quase que simultânea aos acontecimentos. É assim no caso da Guerra do Vietnã, do massacre no Timor Leste, da intervenção no Kosovo, da intervenção no Golfo Pérsico, das ditaduras sangrentas na América Latina, das questões envolvendo Israel e Palestina, dentre outras que não envolvem somente intervenções militares.

O reflexo dessa atuação faz-se sentir em seus comentários sobre política internacional e se consolida em livros que formam grande parte da coleção de pensamento político do autor.

Dessas peculiaridades de sua biografia, talvez a que possa merecer maior destaque é a participação e o empenho no movimento contra a Guerra do Vietnã. O autor integrou uma manifestação em frente ao Pentágono que lhe custou uma prisão, fez campanha para o boicote do alistamento, escreveu sobre o assunto, proferiu palestras e questionou as políticas de Washington em relação ao Vietnã (BARSKY, 2004).

Essa intensa atividade militante fez com que Chomsky figurasse na lista de inimigos de Richard Nixon, e embora tenha sofrido perseguição, o trabalho como intelectual comprometido com a denúncia continuou, ele já sabia dos obstáculos, aqueles que o influenciaram e com os quais teve contado desde muito cedo também foram perseguidos. (BARSKY, 2004)

Toda esta luta contra a guerra deu origem a textos muito importantes na carreira de escritor político de Chomsky, textos que estão compilados em **O poder americano e os novos mandarins**, livro chave para entendermos as principais críticas do pensamento político do autor e suas conexões com os estudos de Ciências Sociais e de Relações Internacionais.

Embora essa tenha sido a incursão ativista que teria se avultado mais na trajetória do pensador, ele nunca esteve longe das causas, Timor Leste e Kosovo, **A new generations draws the line**, América Central, **Turning the tide,** e a questão palestina, **Gaza in crisis**, são algumas dentre tantas outras questões geopolíticas que tem examinado o pensador ao longo de sua carreira.

Nas décadas mais recentes, se engajou na questão do Occupy Wall Street, **Occupy**, e nas questões que esse movimento suscita, como o problema da concentração de renda, **Requiem for the american dream**.

Esses se configuram como alguns dos exemplos nos quais o Chomsky político pode ser interpretado como um autor das Ciências Sociais.

Podemos ressaltar mais um aspecto da carreira do autor que é relevante para a recepção de sua obra e para o presente estudo.

O destaque que obteve no campo da Linguística, o empenho que dedicou ao engajamento político e a polêmica de suas posições renderam a Chomsky notoriedade entre a mídia e o grande público, pode-se dizer que grande parte de seus leitores não se encontram necessariamente dentro de algum círculo acadêmico, isso se deve à acessibilidade da linguagem usada por ele em seus escritos políticos, que embora envolvam um sem número de informações, não exigem o domínio de alguma teoria complexa para sua compreensão, o que não implica em dizer que o referido trabalho não dialogue com áreas acadêmicas, nem que não possa ser lido, estudado e compreendido da perspectiva acadêmica.

Esse fenômeno de público para além da torre de marfim gerou um efeito curioso entre os artistas do cenário pop-rock internacional, um artigo publicado num periódico em maio de 1996 por Mike O'Neill, traz uma frase de Bono Vox, vocalista da banda U2, que diz que Chomsky é o "Elvis da academia" (tradução nossa), a banda R.E.M. já convidou o linguista para abrir uma apresentação com um discurso, convite que foi recusado, a banda punk Bad Religion incluiu a fala do autor em um de seus álbuns e a banda Rage Against the Machine incluiu a foto de um livro de Chomsky dentro do encarte do álbum **Evil empire**. (BARSKY, 2007)

K. L. Billingster documentou a série de artistas que recorrem à pessoa e aos escritos de Chomsky em um artigo chamado **Noam Chomsky, punk hero.** Segundo Billingster, uma das

explicações para o fenômeno é o fato de que alguns roqueiros que conheceram Chomsky nos recantos das universidades são músicos agora, outra é a de que rock *stars* têm uma inclinação anarquista por natureza e encontram em Chomsky um ícone. (BARSKY, 2007)

Outro efeito observado pela interação com a mídia é o fato do autor ter encontrado alguns opositores que combatem suas posições e críticas, as quais, muitas vezes polêmicas e com uma boa dose de ironia, colaboraram para que fosse mal interpretado e acusado de irresponsabilidade intelectual. As polêmicas que geraram uma repercussão maior são o caso Pol Pot e o caso Faurisson. (BARSKY, 2007)

Em relação ao caso Pol Pot, um artigo veiculado no **New York Times** o acusa de irresponsabilidade intelectual por gerar confusão na questão do Camboja e de fazer apologia ao regime de Pol Pot. O que houve de fato é que por ocasião da publicação de dois livros com Edward Herman, **The Political Economy of Human Rights,** em 1979, no segundo volume, **After the Cataclysm: Postwar Indochina and Reconstruction of Imperial Ideology**, os autores comparam as atrocidades do Camboja às do Timor Leste, e observaram que as últimas são, em proporção à população, as piores desde o Holocausto, comparando os atos no Timor aos de Pol Pot, porém a comparação não dá a entender que apoiam os atos cometidos pelo ditador cambojano em seu país. (BARSKY, 2004)

A outra polêmica de maior vulto na carreira de Chomsky é o caso Faurisson. Um estudo realizado por um professor de Literatura francês chamado Robert Faurisson nega a existência de algumas câmaras de gás durante o Holocausto, Faurisson foi acusado de ser um falsificador da história, foi processado e perseguido na França. Um conhecido de Chomsky, Serge Thion, contou-lhe o caso e pediu que ele assinasse uma petição em favor do professor e da liberdade de expressão. Dentre os quinhentos nomes que assinaram o documento, o único que foi alvo da imprensa francesa foi o do linguista, a petição foi apelidada de "petição Chomsky". (BARSKY, 2004, 2007)

Além de assinar a petição, Chomsky escreveu um artigo sobre liberdades civis e enviou a Thion para usar como quisesse, o texto apareceu de prefácio do livro de Faurisson que foi alvo da polêmica. Quando perguntado a respeito, Chomsky disse que não escreveu o texto para ser prefácio de um livro que ele mal sabia da existência, mas que soube poucas semanas depois e já era tarde para parar a publicação, e disse que essa foi a série de fatos que levaram aos comentários ofensivos da imprensa francesa, deixando claro que seu objetivo inicial era apenas defender a liberdade de expressão. (BARSKY, 2004, 2007)

Segundo Larry Portis, essa posição de Chomsky tem raízes na tradição iluminista, especialmente em Voltaire e na famosa frase que lhe é falsamente atribuída, "Eu discordo de

tudo que você diz, mas vou lutar até a morte por seu direito de dizê-lo.” Barsky[1] (2007 apud VOLTAIRE, 2007, p. 81, tradução nossa). (BARSKY, 2007)

Para finalizar a primeira parte desta introdução é necessário mencionar que Noam Chomsky foi eleito o mais importante intelectual público em 2005 numa votação feita em conjunto pelo mensal britânico **Prospect** e pelo jornal de Washington **Foreign Policy** (BARSKY, 2007), dos anos que se seguiram aos primeiros textos políticos, continuou seu trabalho e produziu bastante nos dois principais lados de sua autoria, linguagem e política, também viajou e deu palestras em vários lugares, no país e fora, se relacionou com o ativismo e produziu filmes.

Atualmente uma das causas nas quais se engajou foi na defesa do ex-presidente Lula, além de ter feito uma visita a ele no período em que esteve preso, (THE INTERCEPT, 2018) recentemente enviou uma mensagem ao ex-presidente onde ele e sua atual esposa, Valéria, que é brasileira, se dizem otimistas com a anulação das condenações dos processos que correm contra Lula na justiça. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021)

[1] BARSKY, Robert. **The Chomsky effect: a radical works beyond the ivory tower**. Massachusetts, London: The MIT Press, 2007. p. 81.

1.1 **Justificativa**

Esta pesquisa se torna relevante não só por procurar o lugar de Chomsky dentro das áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, como também por averiguar como seus escritos e posições políticas contribuem com os campos em questão.

O pensamento político de Chomsky assim como sua atuação como ativista se relacionam com diferentes questões nos domínios referidos no parágrafo anterior, como por exemplo: Estado e poder, controle ideológico da mídia, elites econômicas e *status quo*, responsabilidade intelectual, política externa norte-americana e direitos humanos, dissidência e ativismo, etc.

Desse modo, a discussão dessas questões e a perspectiva do autor podem contribuir para enriquecer diferentes estudos e viabilizar a recepção do pensador pelos acadêmicos.

Além disso, não só há escassez de estudos voltados ao autor nas referidas áreas, como também ele é frequentemente descartado por ser não teórico e manter posições alternativas em relação a certas correntes ideológicas dentro da teoria dessas áreas. (LAFFEY, 2003)

Longe de se esgotar em outros campos, há a pertinência do pensamento de Chomsky em relação à Filosofia, Psicologia e Ciência Cognitiva, nesses campos, um ponto que merece destaque é a opção do autor pela adoção da teoria inatista em relação à aquisição de linguagem e pela contraposição que faz às posições do behaviorismo radical.

Embora o presente texto não pretenda explorar detalhadamente essas áreas e essas críticas, é necessário mencioná-las e apresentar alguns argumentos usados pelo linguista para defender suas posições.

Por fim, ainda que no presente estudo não se pretenda abordar a Linguística a fundo, mas somente a título de curta apresentação dos principais tópicos da teoria linguística desenvolvida por Chomsky, a evolução desses estudos aplicados à sintaxe do português (SOUZA E SILVA, KOSCH, 2009) podem contribuir para o ensino e aprendizagem das questões gramaticais abordadas, portanto, faz-se pertinente também uma reflexão sobre esse assunto.

1.1.1 *Objetivos gerais e específicos*

Os papéis que o engajamento político e o ativismo têm desempenhado na vida e na obra política de Noam Chomsky são decisivos para que se possa compreender a amplitude de seu trabalho intelectual.

Durante toda sua vida, o autor tem se dedicado ao papel de intelectual radical e tem se engajado em várias causas ativistas, as quais vão da simples assinatura de petições até o envolvimento direto em atos de protesto, além disso, dedica uma parte de seus escritos políticos e de suas palestras a apoiar essas causas em várias partes do mundo.

Outro aspecto relevante do pensador são suas influências intelectuais, que vão desde intelectuais de esquerda marcados por ideologias anarquistas e marxistas não bolcheviques até pensadores iluministas e liberais clássicos.

Chomsky é um autor de bibliografia muito vasta, além disso, sempre foi um intelectual muito ativo e produziu muito, e até o presente momento, ao que tudo indica, ainda não parou de trabalhar.

Levando-se em consideração sua obra, pode-se dizer que dos seus mais de setenta livros (BARSKY, 2004), a maior parte é dedicada a discutir assuntos caros às áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais.

Ademais, não se pode deixar de lado que em seu campo de origem, a Linguística, o autor deixou importantes contribuições teóricas para os estudos da área.

Considerando tais informações, os objetivos gerais da presente dissertação são: salientar algumas das principais temáticas do discurso político chomskyano e algumas relações que se mantêm entre estas, sua atuação como ativista e as áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, e, descrever os pressupostos teóricos básicos da teoria linguística chomskyana e seu funcionamento nos enunciados da língua portuguesa.

Os objetivos específicos do estudo são: averiguar a relevância de alguns aspectos dos escritos políticos de Chomsky para as áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, inquirir qual é o lugar do autor dentro de tais domínios e observar de que modo há a recepção de sua obra política pelos acadêmicos.

Em relação à teoria linguística, os objetivos específicos são: discutir as críticas realizadas pelo autor a respeito da aquisição de linguagem, apresentando argumentos da teoria inatista e as principais críticas em relação ao behaviorismo radical, e, fazer uma apresentação de forma descritiva e didática sobre algumas implicações dos estudos linguísticos realizados pelo autor e de como a evolução de seus estudos aplicados ao português, no Brasil, podem

auxiliar no ensino e aprendizagem da sintaxe e de algumas das **Habilidades essenciais – rede estadual 2020** e das **Habilidades do currículo paulista 2021** da disciplina de Língua Portuguesa do ensino médio do estado de São Paulo.

1.1.1.1 Procedimentos metodológicos e resultados esperados

Metodologicamente este trabalho se pautou em quatro etapas.

A priori foi realizada uma pesquisa nas bases de dados institucionais da Unesp orientada pelas palavras-chave: Noam Chomsky, Filosofia, Ciência Política, Sociologia e Relações Internacionais. A partir dos resultados obtidos foram selecionados textos que contribuíssem para as discussões do estudo.

Em seguida fez-se o levantamento bibliográfico acerca da produção de Chomsky e de sua biografia, das quais foram selecionados textos segundo o critério de importância para a proposta do trabalho, houve o complicador da falta de acesso a alguns textos biográficos, a outros do próprio autor e a traduções difíceis de encontrar.

Num terceiro momento, procedeu-se à leitura dos textos selecionados e à coleta de informações para a elaboração da dissertação.

Por fim, deu-se o projeto de texto e sua escritura que obedeceram a um critério metodológico conceitual-bibliográfico.

O texto se utilizou de seis recortes bibliográficos em sua elaboração.

Um primeiro, acerca dos dados biográficos de Chomsky avaliados como pertinentes ao trabalho. Um segundo, uma pequena seleção relacionada a seus estudos linguísticos. Um terceiro, de textos de Chomsky e outros autores ligados ao período de militância contra a Guerra do Vietnã, assim como **O poder americano e os novos mandarins** e textos afins. O quarto recorte se concentra nos comentários do autor sobre política internacional que envolvem América Latina. Um quinto recorte são os textos que comentam sobre o trabalho do autor. Por fim, a dissertação se valerá de textos de outros autores que se julguem pertinentes às temáticas em questão.

Além deste material bibliográfico, julgou-se pertinente analisar o material em vídeo, o qual foi muito importante para orientar a pesquisa de várias formas, tanto sobre a biografia, quanto sobre o trabalho do escritor.

O material selecionado e analisado na pesquisa possibilitou uma amostra de resultados satisfatória.

As aproximações das análises políticas de Chomsky em relação às áreas de Ciências Sociais e Relações Internacionais embora sejam frágeis quanto à teoria, são robustas em relação a fatos, argumentos e críticas, e ainda que Chomsky não pretenda basear seu pensamento em evidências empíricas observadas apenas em estatísticas, a quantidade de fontes e informações que ele apresenta são abundantes e confiáveis.

Há acadêmicos que procuraram o lugar de Chomsky dentro das áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, e apesar de alguns obstáculos referentes à teoria, encontraram uma maneira de situá-lo e de aproveitar seus escritos nas referidas áreas.

Em relação à Linguística e aquisição de linguagem, é profícuo o debate entre empiristas (behavioristas) e racionalistas (inatistas) (SILVA, 2017), o certo é que a teoria gerativista por si só demonstra padrões de funcionamento comuns a várias línguas, esse fato reforça o argumento de que a linguagem humana é inata, não dependente de estímulos externos.

Além disso, a evolução dos estudos gerativistas no Brasil (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009) possibilitou observar a teoria de Chomsky aplicada à sintaxe do português e como essa abordagem contribuiu para os estudos gramaticais, podendo servir inclusive para ajudar no ensino e aprendizagem das **Habilidades essenciais – rede estadual 2020** e das **Habilidades do currículo paulista 2021** da disciplina de Língua Portuguesa do ensino médio do estado de São Paulo.

2 A LINGUÍSTICA E A LINGUAGEM HUMANA, O GERATIVISMO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Num debate acalorado em um programa televisivo holandês, o telespectador e a plateia se defrontavam com um pitoresco encontro, Michel Foucault, importante linguista dos estudos de análise do discurso francesa, e Noam Chomsky, proeminente estudioso da Linguística estruturalista norte-americana. (MANUFACTURING..., 1988, 13 min 39 s) A discussão é parte de uma série de entrevistas e debates que uma rede de televisão holandesa fez sobre questões sociais e filosóficas contemporâneas em 1971. (WILKIN, 1999)

Foucault, que parece não concordar totalmente com as premissas inatistas de Chomsky, o qual defende que a criatividade é uma característica fundamental da natureza humana e que os sistemas de regras são inatos (LYONS, 1970), pergunta a seu interlocutor se a criatividade, que segundo o francês se realiza somente no interior de um conjunto de regras, assim como se essas estruturas ordenadoras, que viabilizam uma ciência, não podem ser constatadas fora da mente humana, nas estruturas societárias, nas interações sociais, nas relações de trabalho e na luta de classes. (MANUFACTURING..., 1988, 13 min 39 s)

Chomsky parece concordar que o indivíduo vai seguir em uma estrutura social digna que deve potencializar esta característica humana a ser realizada, porém, para o linguista, um dos elementos fundamentais da natureza humana que é a ação criativa, ou investigação criativa para criação independente, sem o coercitivo, limita a influência das instituições arbitrárias, e o que ele idealiza como sociedade é um poder descentralizado entre organizações livres nas quais o ser humano não seja tratado como máquina, a tal modelo o pensador chama de anarco-sindicalismo. (MANUFACTURING..., 1988, 13 min 39 s)

Apesar desta deixa para revelar suas tendências anarquistas, Chomsky deixa claro que não consegue encontrar pontos de encontro convincentes entre suas convicções políticas e seu trabalho com Linguística (MANUFACTURING..., 1988, 12 min 53 s), contudo Lyons discorda dessa posição ao se defrontar com as críticas do pensador ao behaviorismo, “[...] sua teoria da linguagem e sua filosofia política não estão de modo algum desligadas uma da outra [...]”. (LYONS, p. 15, 1970)

> Chomsky vem se opondo pelo menos à mais extremada forma de psicologia behaviorista – o “behaviorismo radical” asseverador de que toda crença e todo conhecimento humanos, bem como todos os “padrões” de pensamento e ação característicos do homem, podem ser explicados como “hábitos” incutidos por um processo de “condicionamento”, sem dúvida mais demorado e mais complexo em seus pormenores, mas não qualitativamente diverso dos processos pelos quais, nos laboratórios de psicologia, os ratos “aprendem” a conseguir comida comprimindo uma alavanca na gaiola onde estão presos. O ataque de Chomsky ao behaviorismo radical

> foi feito pela primeira vez em 1959, em longa e bem documentada resenha do livro **Verbal behavior**, de B. F. Skinner, quando ele afirmou que a impressionante massa de terminologia científica e de estatísticas empregadas pelos behavioristas não passava de camuflagem a esconder a incapacidade que tinham de explicar o fato de a linguagem não ser simplesmente um conjunto de "hábitos" e diferir radicalmente da comunicação entre animais. (LYONS, 1970, pp. 15-16)

Ainda segundo Lyons (1970), a crítica à psicologia behaviorista é a mesma que dirige Chomsky ao imperialismo e aos cientistas sociais, psicólogos e sociólogos aos quais o Estado recorreu como colaboradores e que se refugiaram em superficialidades teóricas, cujo método não se pode chamar de científico, funcionários do governo de campos nos quais a moralidade ordinária deveria ter predominado foram acusados pelo ativista de iludir o povo acerca da Guerra do Vietnã e de outros assuntos.

Entretanto, os estudos da gramática transformativa ou gerativa de Chomsky vão muito além de apresentar argumentos para criticar um ramo da Psicologia, o que se pretendia era um modelo de descrição da linguagem humana no qual se observasse padrões de funcionamento gramaticais comuns a várias línguas, uma Gramática Universal. (LYONS, 1970)

Nessa busca em seu trabalho de investigação o linguista publicou **Syntactic structures** em 1957, obra que revolucionou o estudo científico da linguagem. (LYONS, 1970).

Um ano antes, em um simpósio do MIT, Chomsky expôs um trabalho chamado de Três modelos para a descrição da linguagem, Allen Newell e Herbert Simon apresentaram um trabalho sobre resolução de cálculos com um equipamento de lógica, houve também pesquisas referentes à captação de sinais e processamento de dados humanos. Alguns consideram o tal simpósio como o marco do nascimento da Ciência Cognitiva. (BARSKY, 2004)

Embora o sistema proposto por Chomsky fosse inovador, a busca por uma Gramática Universal pareceu algo muito ambicioso para os olhares dos linguistas que inicialmente e de modo geral foram hostis às perspectivas apresentadas pelo autor. (BARSKY, 2004)

Para situarmos melhor o pensador em relação à sua área de origem, é útil recuar um pouco na história e observar alguns dos principais expoentes da Linguística norte-americana, assim como quais pontos de encontro há entre a teoria linguística de Chomsky e dos linguistas que o precedem.

Em 1911, Franz Boas publica **Handbook of american indian languages**, livro no qual dá uma explicação do método que ele mesmo utilizou para descrever sistematicamente as línguas nativas norte-americanas, que, segundo ele, possuíam um leque de variedades que era muito grande e extrapolava uma análise feita com base em modelos gramaticais das línguas europeias. (LYONS, 1970)

Para Boas, utilizar métodos da gramática tradicional não era apropriado para descrever línguas para as quais eram insuficientes, toda língua tem uma gramática particular e o trabalho do pesquisador é descobrir um modelo de descrição mais adequado a cada uma delas. Tal enfoque teórico passou a ser conhecido como estruturalismo e não é exclusivo de Boas e de seus coetâneos da Europa que se aplicaram no estudo de línguas indígenas, antes deles, Wilhelm von Humboldt já havia buscado tal viés em suas pesquisas. (LYONS, 1970)

Há um consenso de que os nomes mais importantes da Linguística estadunidense após Boas são Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Ambos têm caráter divergente em relação a áreas de interesse, concepções filosóficas e teor da influência que legaram. (LYONS, 1970)

Sapir era especialista em filologia germânica, absorveu influência de Boas quando jovem e dedicou-se aos estudos das línguas nativas norte-americanas, era também antropólogo, tendo feito contribuições com estudos aos dois campos, porém suas áreas de interesse vão além ao incluir estudos literários, musicais e de arte entre elas. Embora tenha escrito muitos artigos, possui somente um livro, **Language**, de 1921, livro que difere essencialmente do livro homônimo escrito por Bloomfield e publicado mais de uma década depois. (LYONS, 1970)

Bloomfield centrou seus objetivos em fazer com que a Linguística tivesse autonomia e status de ciência, delimitou sua pesquisa descartando características da linguagem que, segundo ele, não poderiam ser descritas com rigor e exatidão. O que ele considerava como científico era a "[...] rejeição deliberada de todos os dados que não fossem diretamente observáveis ou fisicamente mensuráveis." (LYONS, p. 31, 1970). Ele procurava elevar a Linguística a termo de ciência e revelou sua despreocupação com o estudo do significado, ou seja, da semântica, pois, para ele, as preocupações semânticas deveriam se limitar a identificar as unidades estruturais da língua e a gramática proposta deveria considerar somente o aspecto estrutural da língua. (LYONS, 1970)

Embora Chomsky pertença à escola bloomfieldiana, sustenta algumas ideias que Sapir salientava com suas concepções acerca do caráter cognitivo da linguagem. Chomsky era discípulo de Zellig Harris, oriundo da escola de Bloomfield como a maioria de seus contemporâneos, Harris se dedicou a tentar se aproximar do que depois Chomsky postulara em sua teoria, ou seja, uma Gramática Universal, apesar destas relações, ao publicar seus primeiros estudos, o autor já havia se distanciado da perspectiva de Harris em relação às tendências behavioristas e aos procedimentos de descoberta comuns aos bloomfieldianos. (LYONS, 1970)

Syntactic structures aparece como oposição à escola Harris-Bloomfield, e apesar de Chomsky deixar explícito que tenha consultado Harris na elaboração de seu texto, disse que a interpretação esperada de seu trabalho é o de que toda a pesquisa estruturalista que havia sido

realizada anteriormente deveria ser descartada, Chomsky faz tal asserção enfatizando a habilidade gerativa da linguagem humana e o fundamento de que toda teoria em gramática deve ser capaz de lidar com a capacidade do falante de compreender sentenças totalmente novas para ele, e disse que não quis dizê-lo de forma explícita por razões pessoais, mas o que há veiculado nos textos é óbvio para a maioria dos linguistas, o rompimento com a tradição bloomfieldiana. (BARSKY, 2004)

Embora Chomsky tenha se distanciando de seus precursores em modelos teóricos, em seus trabalhos prevaleceram o caráter cognitivo da linguagem de Sapir e a preocupação de Bloomfield não só de atribuir à linguagem a categoria de ciência natural, como também de descartar o estudo da semântica, além disso, para Chomsky, os modelos da gramática tradicional são insuficientes para a descrição dos fundamentos universais da linguagem humana, assim como Boas constatou serem os mesmos falhos na descrição de línguas excêntricas, como, por exemplo, as línguas nativas norte-americanas.

Retornando ao início deste capítulo, ao famoso debate entre Chomsky e Foucault, o entrevistador da discussão questiona o linguista norte-americano acerca de suas concepções sobre a natureza da linguagem e da natureza humana, e pergunta sobre as asserções do linguista em relação aos conceitos de ideias inatas e de estruturas inatas, pedindo a ele que responda do ponto de vista da Linguística. (CHOMSKY, FOUCAULT, 2006) A resposta do convidado é a de que:

> [...] nós podemos ir a certa distância, eu penso que uma distância bastante grande, em relação à apresentação de propriedades desse sistema de conhecimento, que eu chamaria de linguagem inata ou conhecimento instintivo, que a criança traz para a aquisição de linguagem; e também nós podemos ir por um longo caminho em direção à descrição do sistema que é mentalmente representado quando ela adquire seu conhecimento.
> Eu posso alegar então que esse conhecimento instintivo, se você preferir, esse esquematismo que torna possível derivar um complexo e intrincado conhecimento sobre uma base de dados limitada é um constituinte fundamental da natureza humana. [...]
> Bem, essa coleção, massa de esquematismos, princípios inatos organizados, que guiam nosso comportamento social, intelectual e individual, é o que quero dizer para me referir ao conceito de natureza humana. (CHOMSKY, FOUCAULT, 2006, pp. 4-5, tradução nossa)

Os paradigmas linguísticos do século XX passaram por uma mudança de perspectiva a partir da segunda metade do século, diferentemente dos estudos sobre a *langue* (língua, diferente de *parole*, fala) de Ferdinand de Saussure (LIER-DEVITTO, 2018), os estudos gerativistas mudaram o enfoque dos estudos da linguagem para as estruturas de conhecimento linguístico que possuem os falantes e para a faculdade da linguagem, capacidade do ser humano de dominar e utilizar uma língua natural. (BELLETTI, RIZZI, 2006)

Ao se referir a essa mudança paradigmática na Linguística, Chomsky afirma ser essa a segunda revolução cognitiva, homenageando assim as concepções sobre linguagem humana e mente presentes na filosofia do século XVII ao início do século XIX, numa clara referência à escola cartesiana. O que existe de inovador nesta segunda revolução cognitiva, é que é o início de análises da linguagem com padrões estruturais apropriados, que conseguem descrever certos fundamentos sobre o funcionamento das línguas. (BELLETI, RIZZI, 2006)

Um dado apriorístico sobre a língua desta perspectiva é a capacidade que os falantes têm de entender e produzir sentenças que são totalmente novas para eles, tal habilidade foi considerada um fundamento da criatividade da utilização comum da língua e uma faculdade inata do ser humano. (BELLETTI, RIZZI, 2006)

Para Chomsky, a mente humana não é como a tábula rasa que pressupõe Skinner, na qual somente se deposita o conhecimento vindo do exterior, mas sim um processo de desenvolvimento genético, uma faculdade determinada geneticamente, que não leva a aprender uma ou outra língua em particular, pois, como disse, uma criança japonesa nos Estados Unidos aprenderia o inglês da mesma forma que uma criança norte-americana aprenderia o japonês no Japão. Os sistemas básicos das línguas são fundamentalmente os mesmos, só divergindo em sua superfície, e o papel do pesquisador é chegar o mais próximo possível dos princípios fundamentais que possibilitam conhecer a linguagem. Tal abordagem o leva a indagar também se os mesmos princípios aplicados à linguagem podem ser aplicados a outros domínios como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, Pedagogia, etc. (MANUFACTURING..., 1988, 11min 15 s)

Em seu início, na metade do século XX, os estudos gerativistas se preocuparam em responder o que seria o conhecimento da linguagem e expuseram que, primeiro, o conhecimento subjacente da língua era possível graças a uma investigação precisa através de padrões que evoluíram da teoria de sistemas formais, em especial da teoria de funções recursivas, e segundo, que o fenômeno que revela o conhecimento da língua como sendo instintivo e possuído por qualquer indivíduo é muito complexo e muito rico. (BELLETTI, RIZZI, 2006)

> A aquisição de língua pode ser vista como a transição de um estado da mente no nascimento, o estado cognitivo inicial, para o estado estável que corresponde ao conhecimento nativo de uma língua natural. As considerações sobre a pobreza de estímulos apoiam a visão de que o estado cognitivo inicial, longe de ser uma tábua rasa dos modelos empíricos, já é um sistema magnificamente estruturado. A teoria do estado cognitivo inicial é chamada Gramática Universal; a teoria de um estado estável particular é uma gramática particular. Assim a aquisição do conhecimento tácito de francês, italiano ou chinês, por exemplo, torna-se possível por meio do componente mente-cérebro que é explicitamente modelado pela Gramática Universal, em interação com uma trajetória específica da experiência linguística, porque expressa as propriedades universais das línguas naturais; em termos da perspectiva cognitiva adotada, a Gramática Universal expressa os universais biologicamente necessários, as propriedades que são universais porque são determinadas por nossa faculdade inata

> da linguagem, um componente do patrimônio biológico da espécie. (BELLETTI, RIZZI, pp. 9-10, 2006)

Em relação à questão dos procedimentos de descoberta, para Chomsky, "uma teoria linguística não deve ser identificada como um manual de procedimentos úteis, nem se deve esperar que forneça procedimentos mecânicos para a descoberta das gramáticas" Barsky[2] (2004 apud CHOMSKY, 1957, p. 124), mas deve ter como meta elaborar uma gramática que possibilite gerar uma quantidade quase infinita de expressões, utilizando uma quantia finita de termos e normas gramaticais habituais para os indivíduos. (BARSKY, 2004)

A partir dessas novas concepções sobre a linguagem que possibilitaram os estudos gerativistas, a pesquisa no campo seguia por um novo caminho, Chomsky deixou claro que se opunha intelectual e politicamente às teorias postuladas por B. F. Skinner em **Verbal Behavior**, logo havia se distanciado dos bloomfieldianos que baseavam-se "no behaviorismo e na sua teoria de aprendizado associada". (BARSKY, 2004, p. 125)

Para Skinner, os hábitos humanos, principalmente o comportamento verbal, poderiam ser compreendidos e regulados pelos procedimentos exteriores usados para prever e comandar o comportamento animal. (BARSKY, 2004)

De acordo com Chomsky, os pressupostos behavioristas negam um aspecto essencial do comportamento dos seres humanos, o aspecto criativo, que possibilita até mesmo crianças muito pequenas a lidar com uma ampla gama de enunciados que são totalmente novos para elas. (BARSKY, 2004)

Ainda segundo o linguista, se queremos examinar como se dá a aquisição de uma língua pelo falante, temos que considerar seu conhecimento inato, alterações definidas geneticamente e modificações por causa de sua experiência. Persistir que algum desses princípios não tenha importância são asserções dogmáticas para as quais não há espaço no pensamento científico. (BARSKY, 2004)

> No que se refere a essa coisa do Skinner [...] eu acho que é uma fraude, não há nada aí. Quer dizer é vazia. É uma fraude interessante. Veja, eu acho que há dois níveis de discussão aqui. Um é puramente intelectual: o que isso importa? E a resposta é zero, nada [...] quer dizer, *não* há princípios aí que não sejam triviais, que nem sequer existam [...] Agora, a outra pergunta é: por que tanto interesse nisso? [...] Resposta: porque ela diz para qualquer guarda de campo de concentração que ele pode fazer o que seu instinto lhe diz pra fazer, mas que finja ser um cientista ao mesmo tempo. Isso a torna boa, porque a ciência é boa, ou neutra, e assim por diante." Barsky[3] (2004 apud CHOMSKY, 1988, p. 128)

[2] BARSKY, Robert. **Noam Chomsky: a vida de um dissidente**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
[3] Ibid, p. 128.

Esse é o fio condutor que há entre a pesquisa linguística e o pensamento político do autor, que alertava, já na época, que o interesse pela teoria behaviorista estava servindo aos interesses do Estado para manipular a população e justificar o cometimento de atrocidades. (BARSKY, 2004)

Segundo Lyons (1970), a concepção de Chomsky, que o faz diferenciar o ser humano da máquina e do animal, o faz também considerar que o respeito a essa diferença deve haver tanto no âmbito científico como no âmbito governamental. Para Lyons, tal concepção une os aspectos linguísticos, filosóficos e políticos do autor.

Entretanto, como vimos anteriormente, o próprio Chomsky não encontra relações substanciais entre suas pesquisas linguísticas e seu pensamento político, chegando a dizer que ficaria satisfeito se pudesse encontrar pontos de encontro pertinentes. (MANUFACTURING..., 1988, 12 min 53 s)

Da perspectiva dos que o leem e estudam, realmente não há subsídios para fazer uma aproximação adequada aos dois campos de atuação, porém nas abordagens biográficas de Barsky (2007), o mesmo encontra semelhanças entre o pensamento sobre linguagem do linguista e de uma de suas principais influências intelectuais e políticas, Rudolf Rocker, que em **Nacionalism in culture**, observava as ideias de que a linguagem não tinha uma origem nacional e que os humanos são dotados com a capacidade de articular a linguagem, o que permite conceber e habilitar o pensamento dos homens para encontrar os melhores resultados, e esse fator os diferencia de outras espécies.

Um dos objetivos de Rocker em discutir tais assuntos era enfraquecer as noções de pureza racial, defendidas pelos nazistas na mesma época em que estava escrevendo seu livro, e embora a descrição dos princípios da linguagem formulados por Rocker difira da de Chomsky em muitos aspectos, há similaridades que podem ser aplicadas aos dois. (BARSKY, 2007)

Rocker chegou a afirmar que a origem das várias línguas é envolta numa escuridão na qual só se segue adiante com a ajuda de hipóteses arriscadas, Chomsky, que tentou entrar nessa escuridão, por sua vez, afirma que nosso atual estágio de conhecimento nos capacita para dizer muito pouco em relação à faculdade da linguagem. Rocker estava simplesmente tentando esclarecer que as alegações nacionalistas sobre a linguagem se assentavam nos falsos pressupostos de que toda linguagem é criação particular de um povo, característica de uma era de teoria racial e nacionalista que havia se tornado abrangente. (BARSKY, 2007)

De acordo com Barsky (2007), apesar das diferenças de contexto que giram em torno das duas figuras, parece haver coincidências interessantes entre as abordagens.

A respeito de sua defesa do inatismo em relação à aquisição de linguagem, Chomsky propõe que existe uma relação consistente entre o sistema da língua e os atributos inatos do espírito. (LYONS, 1970)

> Acredita Chomsky, com efeito (tal como deixei anteriormente assinalado), que a estrutura da linguagem humana é determinada pela estrutura do espírito humano e que a universalidade de certas propriedades características da linguagem é evidência de que pelo menos essa parte da natureza humana é comum a todos os elementos da espécie, independente de raça ou classe e a despeito das claras diferenças de intelecto, personalidade e atributos físicos. (LYONS, 1970, pp. 16-17)

O ponto de encontro entre as concepções linguísticas de Chomsky e dos racionalistas do século XVII, como Descartes, é que, para este, os limiares da explicação mecanicista são alcançados ao passo que essas capacidades do ser humano são intermediadas por seu pensamento, característica exclusiva do homem que se apoia na premissa que foge à interpretação mecanicista, uma conjectura sobre a criatividade peculiar às ações de "vontade e escolha, que são 'a coisa mais nobre que podemos ter' e a única coisa 'que pertence verdadeiramente' a nós (para usar termos cartesianos)." (CHOMSKY, 2006a, p. 80)

Grande porção da filosofia da Europa dos séculos XVII e XVIII se centrou no ponto de desacordo na relação entre o espírito e a sensação do ambiente. Há divergências entre os estudos das escolas empiristas inglesas de Hume, Locke e Berkeley, os quais explicavam o conhecimento a partir de dados sensórios e sua conciliação com regras de combinação, e os estudos de racionalistas como Descartes, que propunham que a intelecção do mundo exterior partia de um conhecimento inato, anterior à experiência. (LYONS, 1970)

O empirismo foi muito influente na evolução das concepções modernas da Psicologia, as ideias fisicistas e deterministas concebiam que (LYONS, 1970) "o conhecimento humano e o comportamento humano são inteiramente determinados pelo ambiente, não havendo [...] diferença radical entre seres humanos e outros animais ou mesmo entre animais e máquinas." (LYONS, 1970, p. 96)

As convicções de Chomsky sobre o ser humano são diversas, ele crê que os seres humanos possuem uma série de habilidades específicas que executam uma função significativa na obtenção do conhecimento, o que os possibilita atitudes como seres livres, não determinados por fatores externos encontrados no meio, porém sem dispensá-los. (LYONS, 1970)

Defende Chomsky em alguns de seus estudos que fundamentos gerais que determinam a forma da gramática de determinadas línguas, como mandarim, árabe e inglês são, em dimensão significativa, partilhados por todas as línguas. Essa perspectiva o opõe aos bloomfieldianos que se mantinham céticos quanto a essas abordagens e em princípio rejeitavam uma teoria da Gramática Universal. (LYONS, 1970)

Segundo Chomsky, o papel principal da Linguística é o de elaborar uma teoria da estrutura da língua universal o suficiente para se utilizar em toda língua. (LYONS, 1970)

> Mais acentuadamente característica do pensamento de Chomsky e mais é a ênfase que põe naquilo que chama de *universais formais*; ou seja, os princípios gerais que determinam a forma das regras e a maneira como operam dentro do contexto de gramáticas de línguas particulares. As transformações que relacionam as várias sentenças e construções, por exemplo, assevera Chomsky, "são invariavelmente *dependentes de estrutura*, no sentido de que se aplicam a uma sucessão de palavras por força da colocação dessas palavras em frases". (LYONS, 1970, p. 99)

Ainda de acordo com Chomsky, não encontraremos significado no desenvolvimento da aquisição de linguagem a não ser que reconheçamos que o ser humano nasce com o conhecimento dos fundamentos das regras de uma Gramática Universal e se dispõe a usar esses fundamentos para analisar os enunciados que se produzem à sua volta. A capacidade inata que a criança possui dos fundamentos do sistema da língua possibilita preencher a lacuna do modelo empirista de aprendizagem. (LYONS, 1970)

Mediante o exposto até aqui, pode-se fazer algumas considerações sobre o papel da revolução chomskyana na área da Linguística e sobre algumas bases teóricas nas quais seu trabalho se orienta.

Primeiramente, ao observar a capacidade das crianças ao lidar com sentenças que nunca antes haviam ouvido, Chomsky pressupõe que o falante possui um conhecimento do sistema da língua que é inato e genético, assim a criatividade humana aparece como principal fator que possibilita a inteligibilidade de enunciados totalmente novos para crianças em seus primeiros anos de vida, portanto, dessa perspectiva, tanto a criatividade como o conhecimento dos fundamentos que regulam a estrutura da Gramática Universal são capacidades inatas do ser humano.

Em segundo lugar, a abordagem chomskyana da linguagem aparece como totalmente nova na área da Linguística, ele recupera ideias dos filósofos racionalistas em oposição às dos empiristas, para os últimos o conhecimento humano depende de fatores do ambiente para se desenvolver, a evolução destas teorias em Psicologia deu origem aos argumentos behavioristas acerca do comportamento humano. Chomsky se opõe radicalmente às abordagens de Skinner sobre a aprendizagem humana, tendo feito críticas radicais ao livro que postula essas teorias, **Verbal behavior**, além disso, embora a escola do linguista seja a de Bloomfield, preocupou-se em afastar-se dos que o antecederam, pois constatava que estes se baseavam nos pressupostos behavioristas, ademais, os bloomfieldanos eram descrentes quanto à teoria de uma Gramática Universal.

Apesar de que o próprio Chomsky reconheça que as relações entre seus estudos linguísticos e seus escritos políticos sejam muito frágeis, a crítica ao behaviorismo faz Lyons achar esse fio condutor e se perguntar se a crítica de **O poder americano e os novos mandarins**, desta vez dirigida aos cientistas políticos, não é a mesma.

Em terceiro lugar, com suas teorias acerca da sintaxe, o linguista logrou um sistema lógico baseado nos princípios fundamentais da estrutura da linguagem humana que possibilita explicar o funcionamento do sistema do que seria uma Gramática Universal, teoricamente, e claro, com algumas adaptações, aplicável a qualquer língua humana.

Por fim, as aplicações do sistema lógico sintático de Chomsky, conhecido também como diagrama arbóreo (KENEDY, 2008), dão a dimensão do quanto podemos chegar aos fundamentos do funcionamento da linguagem humana, através de seus *universais formais*, consegue inferir características elementares comuns a várias línguas.

Na próxima seção deste capítulo, será brevemente apresentado o modelo geral de descrição gramatical de Chomsky, utilizando como exemplo as contribuições de Souza e Silva, Koch (2009) para o estudo do gerativismo aplicado à língua portuguesa.

2.1 **Metalinguagem gerativista e diagrama arbóreo, estudos gerativistas aplicados à sintaxe do português**

Procurando introduzir o leitor no glossário linguístico tendo em vista sua teoria sintática, Chomsky (1970) faz uma explanação sobre a busca de categorias e relações iniciando por demonstrar como se dá a investigação da gramática gerativa, a qual começa por uma análise minuciosa do tipo de conhecimento que aparece nas gramáticas tradicionais e adota isso como um procedimento de descoberta, logo considera o que uma gramática tradicional diria de uma sentença comum em inglês.

"(1) sincerity may frighten the boy" [4] (CHOMSKY, 1970, p. 63)

A partir deste enunciado comum, o autor propõe averiguar o que a gramática normativa tem a dizer sobre ele.

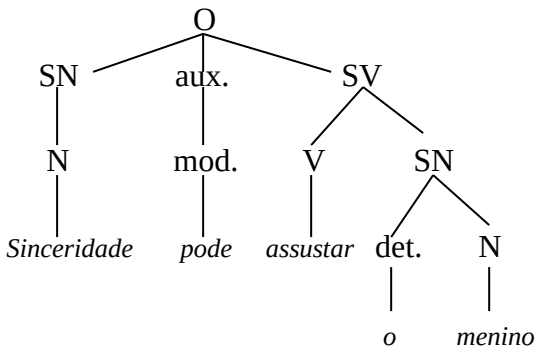
> (2) (i) A linha (1) é uma oração (O), *assustar o menino* é um Sintagma Verbal (SV), consistindo do Verbo (V), *assustar* e do Sintagma Nominal (SN), *o menino*; *sinceridade* também é um sintagma nominal (SN); o SN *o menino* consiste do Determinante (Det) "*o*", seguido por um Nome (N); o SN *sinceridade* consiste de apenas um N; *o* é, ademais, um Artigo (Art); *pode* é um Verbo Auxiliar (Aux) e, além disso, Modificador (Mod) ou Sintagma Adjetival (SA).
> (ii) o SN *sinceridade* funciona como sujeito da oração (1), enquanto que o SV *assustar o menino* funciona como predicado da oração; o SN *o menino* funciona como objeto do SV, e o V *assustar* é o Verbo Principal; as relações gramaticais Sujeito-Verbo se mantêm em par (*sinceridade*, *assustar*), e a relação gramatical Verbo-Objeto se mantêm em par (*assustar*, *o menino*).
> (iii) o N *menino* é um Substantivo Contável (que é distinto Substantivo Massivo *manteiga* e o Substantivo Abstrato *sinceridade*) e o Substantivo Comum (que é distinto do Nome Próprio *John* e do Pronome *ele)* (para coisas e animais); ele é, além disso, um Substantivo Animado (que é distinto de *livro*) e Substantivo Humano (que é distinto de *abelha*); *assustar* é Verbo Transitivo (que é distinto de *ocorrer*) o único que não dá livremente permissão à eliminação do Objeto (que é distinto de *ler*, *comer*); ele toma um Aspecto Progressivo livremente (que é distinto de *conhecer*, *possuir*); isso permite sujeitos abstratos (que é distinto de *comer*, *admirar*) e Objetos Humanos (que é distinto de *ler*, *vestir*). (CHOMSKY, 1970, pp. 63-64, tradução nossa)

Para Chomsky (1970), os dados constatados em (2) são sem dúvida perfeitamente corretos e substanciais para qualquer descrição que leve em consideração como a língua é utilizada e adquirida. O autor propõe então que, considerando esses dados, sua investigação principal é a de constatar como os dados desse tipo podem ser formalmente apresentados como uma descrição estrutural e de como essas descrições estruturais podem ser geradas por um dado sistema de regras.

[4] "sinceridade pode assustar o menino" (tradução nossa)

Usando termos apropriados, o autor nos introduz no esquema do diagrama arbóreo.

Representação 1



Fonte: Chomsky, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 1970. p. 65 (tradução nossa)

As categorizações utilizadas por Chomsky foram largamente aplicadas aos estudos de sintaxe da língua portuguesa por Silva e Souza, Koch (2009), cuja adaptação da nomenclatura serviu para traduzir esta primeira representação, na qual aparecem os constituintes mais elementares do enunciado, a partir desses deriva toda uma gama de categorias com as quais é possível descrever a sintaxe pormenorizadamente e conhecer o que seria a estrutura profunda, ou Gramática Universal, que teoricamente possui o falante antes mesmo de conhecer os signos. Coincidentemente, no enunciado tido como exemplo não ocorreu a variação formal que diferenciaria o inglês do português, pois as partículas analisadas encontram lugar na gramática das duas línguas.

Silva e Souza, Koch (2009), desenvolveram uma belíssima pesquisa aplicando a estrutura da teoria gerativista aos enunciados de português, na presente dissertação o objetivo se limita a apresentar brevemente como funciona a descrição gerativista dos enunciados, e para tal meta as autoras citadas podem esclarecer didaticamente como ocorre a análise enunciativa do ponto de vista da gramática gerativa em relação à língua portuguesa.

Considerando um *corpus* de frases de nossa língua, se observa que todas elas são muito diversificadas umas das outras, porém, ao se examinar a estrutura profunda de todas elas, será constatado que elas possuem um sistema organizado interno e que se pautam em fundamentos gerais determinados. (SILVA E SOUZA, KOCH, 2009)

A raiz da estrutura gerativista da frase possui três componentes, a *frase* (F) se constitui de *tipo* (T) mais a *proposição* (P) ou *oração* (O). Dado que temos (SILVA E SOUZA, KOCH, 2009):

Representação 2

$$F \longrightarrow T + P$$

Fonte: Souza e Silva, Maria Cecília Pérez de.. Koch, Ingedore Grunfeld Vilhaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 15ª. ed. São Paulo, 2009. p. 13

Os tipos de frases são as formas de enunciar: afirmação, interrogação, imperativo, etc. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

A partir dessa raiz, a esquematização da estrutura frasal se desloca para os sintagmas, grupo de partículas que são significativas dentro de uma sentença e que estabelecem entre si relações de dependência e ordenação. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

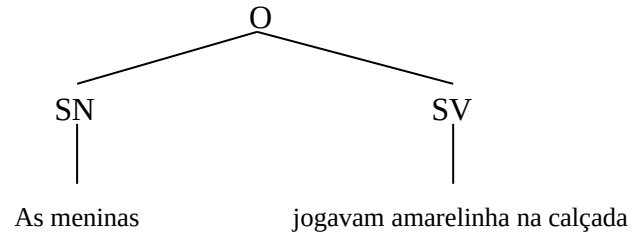
> A natureza do sintagma depende, portanto, do tipo de elemento que constitui o seu núcleo; além do *sintagma nominal* (SN) e do *sintagma verbal* (SV), existem os *sintagmas adjetivais* (SA) e os *sintagmas preposicionados* (SP), que são normalmente formados de *preposição + sintagma nominal.* (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009, pp. 14- 15)

Temos então na base da estrutura do enunciado a divisão entre *sintagmas nominais* (SN) e *sintagmas verbais* (SV) assim como se segue:

(1) As meninas | jogavam amarelinha na calçada.
SN | SV

Este enunciado representado no diagrama de Chomsky ficaria:

Representação 3 - Sintagma nominal e sintagma verbal



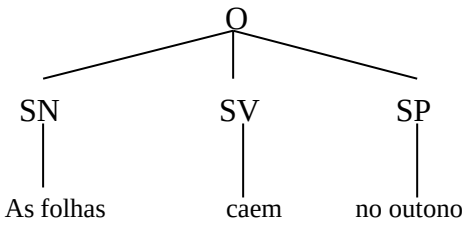
Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

Além dos *sintagmas nominais* e dos *sintagmas verbais* há proposições que apresentam outro subgrupo sintagmático, cujos sintagmas têm as características de serem optativos e deslocáveis, isto é, podem ser omitidos e virem deslocados de sua posição normal, aparecendo antes, interpolados ou depois do SN e do SV, eles aparecem regularmente na forma de um *sintagma preposicionado* (SP). (SILVA E SOUZA, KOCH, 2009)

(2) As folhas | caem | no outono.
SN | SV | SP

Este exemplo traduzido no esquema arbóreo ficaria:

Representação 4 - O terceiro sintagma, o sintagma preposicionado



Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal

Os *sintagmas nominais* (SN) podem ser constituídos em seu núcleo por *nome* (N) ou por *pronome* (Pro), que pode ser qualquer um dos que descreve a gramática normativa, em caso de pronome, ele por si será o sintagma. (SILVA E SOUZA, KOCH, 2009)

Então temos:

Representação 5 – O pronome

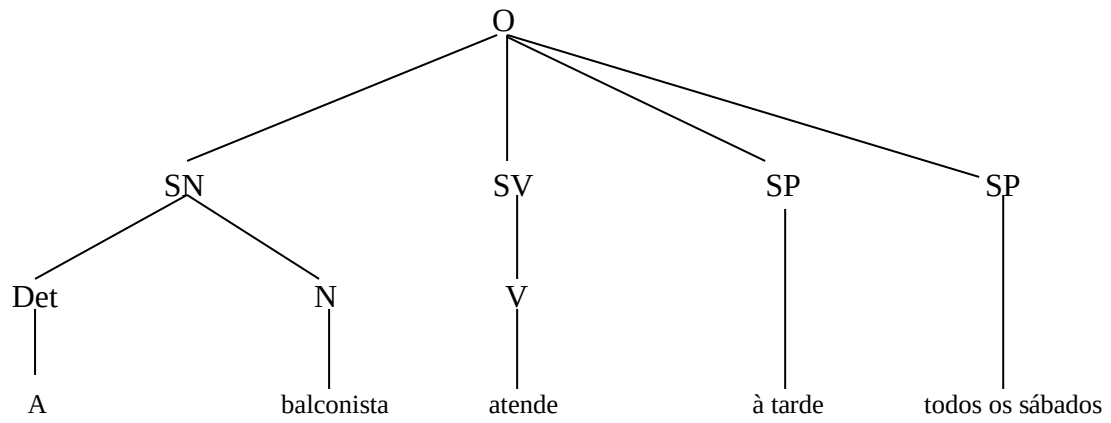
Fonte: Souza e Silva, Maria Cecília Pérez de. Koch, Ingedore Grunfeld Vilhaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 15ª. ed. São Paulo, 2009. p. 17

Os *determinantes* se constituem de determinantes simples e complexos, se simples podem ser representados por *pronomes adjetivos*, *numerais* e *artigos*. Se complexos, podem trazer os *determinantes*, (det-base) os *pré-determinantes* (pré-det) e os *pós-determinantes* (pós-det). (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

O modificador (Mod) configura-se como um *sintagma adjetival* ou como um *sintagma preposicionado*. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

O *sintagma preposicionado* (SP) configura-se geralmente de uma preposição seguida de um SN. O SP pode configurar um terceiro elemento da oração ou vir dentro de um SN, SV ou SA. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

Representação 6 – O sintagma preposicionado

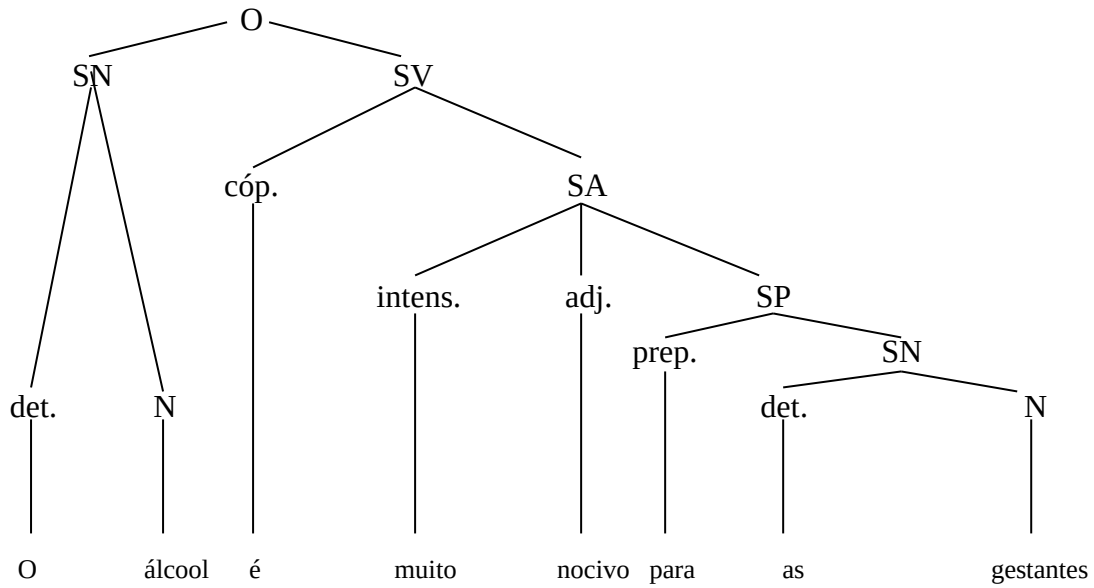


Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

O *sintagma adjetival* (SA) possui um núcleo formado por adjetivo, isolado ou junto com *intensificador* (intens.) e *modificador adverbial* (SP), antes do núcleo, ou *sintagma preposicionado* (SP) após o mesmo. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

Para esclarecer como pode vir configurado um SA, a próxima sentença traz todos os componentes possíveis de se configurar um SA, representados no diagrama arbóreo da seguinte maneira (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009):

Representação 7

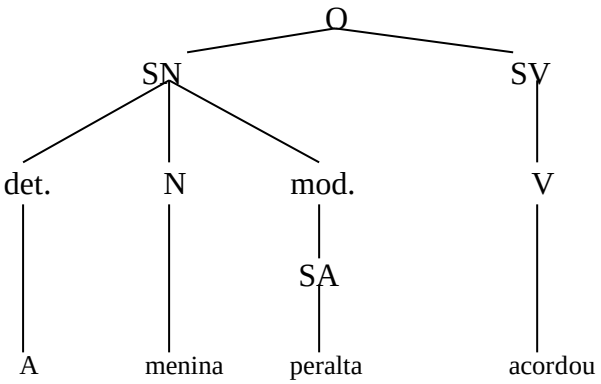


Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

O *sintagma verbal* é uma das unidades elementares do enunciado, traz o *verbo* (V), que pode vir com um ou mais termos, além disso, pode formar um *predicado verbal*, ou um

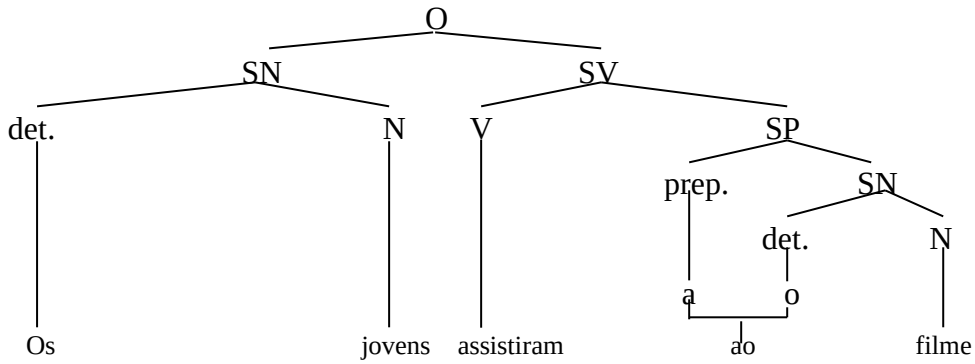
predicado nominal, este, quando formado por *verbo copulativo*. (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009)

Representação 8 – Sintagma verbal e verbo intransitivo



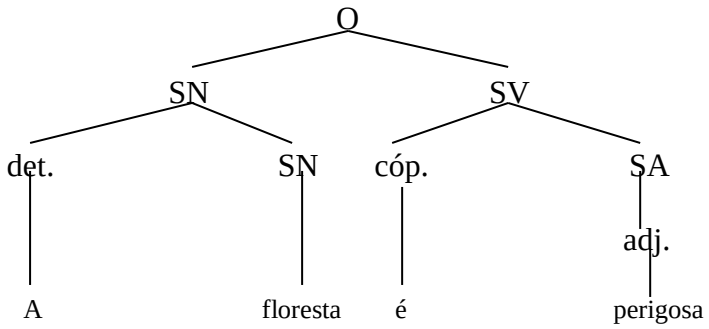
Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

Representação 9 – Sintagma verbal e verbo transitivo



Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

Representação 10 – Sintagma verbal e verbo copulativo



Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

Os exemplos apresentados dão uma visão geral do que seria uma análise gerativista em enunciados da língua portuguesa, os esquemas tomaram por base sentenças similares analisadas

por Souza e Silva, Koch (2009), são peças ilustrativas de como funciona a análise enunciativa da gramática gerativa.

O paradigma que se apresenta é o de que, mesmo não conhecendo o glossário e todo esse esquematismo gerativista, o falante, segundo a teoria, possui um grau de domínio inato dos princípios e das relações que se mantêm entre tais componentes da língua, além disso, de acordo com esse tipo de abordagem, pode-se dizer que as estruturas profundas que regulam as línguas, sejam elas quais forem, possuem semelhanças consideráveis.

Em tais premissas repousam os fundamentos de uma teoria da Gramática Universal.

A teoria foi ainda aprofundada e aplicada a períodos mais complexos, como, por exemplo, coordenação e subordinação (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009), mas essa dissertação se propõe apenas a dar as noções básicas dos aspectos da análise.

Em relação às **Habilidades essenciais – rede estadual 2020** e às **Habilidades do currículo paulista 2021** da disciplina de Língua Portuguesa do ensino médio do estado de São Paulo, alguns aportes da teoria apresentada podem ajudar na relação de ensino e aprendizagem de gramática em algumas séries do ensino médio.

Habilidades como "Localizar informações visando resolver problemas, no campo das instituições linguística e literária, em dicionários, enciclopédias, gramáticas, internet, etc." (HABILIDADES ESSENCIAIS – REDE ESTADUAL, 2020), que são desenvolvidas nas relações de ensino e aprendizagem no segundo bimestre da 1ª. série do ensino médio podem se beneficiar de tais subsídios teóricos para manejar aspectos da sintaxe e da resolução de problemas.

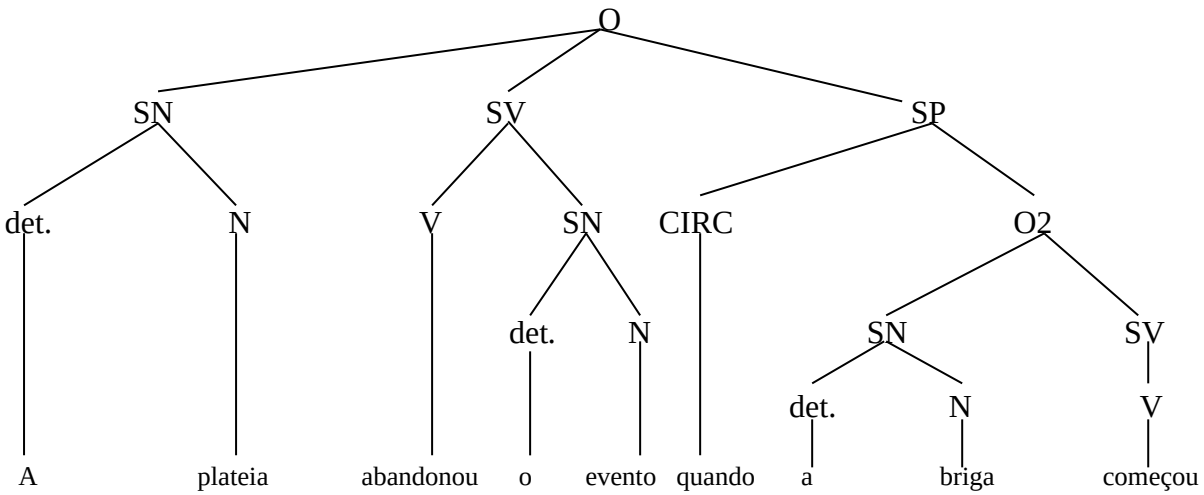
Em relação às habilidades do primeiro bimestre da 2ª. série do ensino médio, "Estabelecer relações lógico-discursivas, analisando o valor argumentativo dos conectivos." (HABILIDADES ESSENCIAIS – REDE ESTADUAL, 2020), os estudos de sintaxe referidos podem colaborar com a compreensão lógica da linguagem e dos conectivos textuais.

Outras habilidades comtempladas com os resultados de um estudo gerativista são do quarto bimestre da 2ª. série do ensino médio, "Reconhecer em um texto relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos, etc.).

Embora o veiculado neste estudo seja apenas a descrição gerativa de sentenças simples, a evolução da pesquisa de Souza e Silva, Koch (2009) dá conta da análise sobre conectivos lógicos no encadeamento das sentenças complexas, esses e outros temas são deveras úteis no entendimento dos processos que envolvem as propriedades estruturais da linguagem.

Segundo Souza e Silva, Koch (2009), o estudo das orações circunstanciais, chamadas de adverbiais pela gramática tradicional, é um ponto da análise gerativista que auxilia as análises da gramática tradicional e possibilita uma aproximação com valores lógico-semânticos.

Representação 11 – O circunstancial



Fonte: Análise de *corpus* de enunciados pessoal.

No enunciado descrito no exemplo do diagrama, pode-se observar o papel do *circunstancial* (CIRC), indispensável na análise sintático-semântica da sentença, o valor sintático revelado é o de *oração subordinada adverbial temporal*, porém os exercícios gerativistas objetivando outros tipos de orações podem ser igualmente frutíferos na compreensão e elaboração das relações sintáticas, semânticas e discursivas dos enunciados.

Seguindo na apresentação sobre quais habilidades podem ser estudadas e analisadas partindo da teoria da gramática gerativa, depara-se com a habilidade do terceiro bimestre da 2ª. série do ensino médio:

> Analisar elementos e aspectos da sintaxe do português, como a ordem dos constituintes da sentença (e os efeitos que causam sua inversão), a estrutura dos sintagmas, as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação (e os efeitos e seus usos) e a sintaxe de concordância e regência, de modo a potencializar os processos de compreensão e produção de textos e a possibilitar escolhas adequadas à situação comunicativa. (HABILIDADES ESSENCIAIS – REDE ESTADUAL, 2020)

Para Souza e Silva, Koch (2009), num período composto por mais de uma oração, os processos de *coordenação* e *subordinação* estabelecem uma relação oposta um do outro, segundo as regras gerativas, a coordenação é um processo aditivo e a subordinação um processo substitutivo, as categorias puramente sintáticas de períodos compostos por coordenação e subordinação estão sendo discutidas, pois as sentenças desse tipo de período via de regra

exercem uma dependência mútua. A observância da questão gerativista nos enunciados pode ajudar no desenvolvimento da habilidade mencionada anteriormente.

Considerando o objeto de conhecimento da disciplina de Língua Portuguesa da área de linguagens e suas tecnologias do primeiro bimestre da 1ª. série do ensino médio das **Habilidades do currículo paulista 2021.**

> [...] Reconstrução e consideração do contexto de produção, circulação e recepção de textos orais e multissemióticos. Planejamento e produção de textos orais e multissemióticos. Usos expressivos de recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos. Usos de variedades linguísticas. (HABILIDADES DO CURRÌCULO PAULISTA, 2021)

Em relação a esse objeto de conhecimento, pode-se dizer que a perspectiva dos estudos gerativistas seria uma abordagem interessante, pois considera os fatores inatos da linguagem que são empregados na compreensão e produção de enunciados e a criatividade como fator determinante das relações linguísticas, esses aspectos podem auxiliar no estudo da oralidade da língua portuguesa.

Para finalizar essa amostragem de habilidades que podem ser comtempladas com os aportes da gramática gerativa, pode-se citar a habilidade desenvolvida no segundo bimestre da 3ª. série do ensino médio, “Reconhecer adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, organizando informações, tendo em vista as condições de produção.” (HABILIDADES ESSENCIAIS – REDE ESTADUAL, 2020)

O estudo aprofundado dos enunciados complexos sob a perspectiva gerativista pode contribuir com o estudo dos elementos coesivos e suas relações com a coerência textual, pois destaca as relações de encadeamento de ideias nos enunciados.

Para concluir, os subsídios da gramática gerativa possibilitam a abordagem alternativa dos enunciados sob um viés estrutural, revelando as estruturas profundas da língua, essas estruturas e seus componentes teoricamente seriam comuns às várias línguas, diante desse aspecto, pode-se dizer que as diferenças das várias línguas se restringem à superfície e que todos os falantes possuem um grau de conhecimento inato dessas estruturas que lhes permite lidar com os fenômenos enunciativos, mesmo quando estes apresentam informações totalmente novas.

O diagrama arbóreo de Chomsky permitiu uma abordagem totalmente nova da sintaxe e gerou contribuições para discussões linguísticas sob a perspectiva de outro paradigma, a do estudo das partículas elementares básicas da língua no funcionamento da linguagem humana.

Diante da pesquisa conduzida por Souza e Silva, Koch (2009), a evolução dos estudos chomskyanos aplicados ao português demonstrou adequações satisfatórias para a análise dos enunciados em língua portuguesa, o que leva a indagar em que ponto se encontram os estudos gerativistas em outras línguas e se não seria pertinente estudos comparativos entre as línguas em relação a essa abordagem.

As análises enunciativas empreendidas pelas autoras citadas no parágrafo anterior parecem ser profícuas para estabelecer diálogo com as práticas de ensino e aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa no ensino médio do estado de São Paulo, algumas habilidades das **Habilidades essenciais – rede estadual 2020** e das **Habilidades do currículo paulista 2021** podem ser comtempladas com um aprofundamento dos estudos sintáticos sob o viés teórico da gramática gerativa em seu desenvolvimento, estas contribuições podem render um olhar de diferentes prismas sobre as práticas de estudo do enunciado da disciplina de Língua Portuguesa.

3 **DE INTELECTUAIS E MOVIMENTOS; CIÊNCIAS SOCIAIS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DISSIDÊNCIA**

Ao se examinar a vida de Noam Chomsky, percebe-se que uma das características mais notórias de sua trajetória é o fato de que as influências intelectuais orientadas à esquerda, com as quais ele está em contado desde sua juventude, ajudaram a dar vazão a seu posicionamento crítico e a seu profundo engajamento político.

Embora na fase de elaboração de seus estudos linguísticos não se observe o desenvolvimento da produção textual na área política, mesmo na pós-graduação, seu orientador, Zellig Harris, era uma figura que lhe fascinava mais pelas posições políticas do que propriamente pelo seu conhecimento em Linguística (BARSKY, 2004).

Como demonstram seus dados biográficos, o engajamento político de Chomsky foi mantido durante toda sua vida, entretanto, nota-se que o período compreendido na década de 60 parece não só adquirir grande importância na efervescência de seu ativismo, como também constituir uma espécie de marco inicial da produção escrita que dá origem à vertente política de seu trabalho. Esta produção se intensificou com o passar dos anos e resultou em várias publicações nas quais se desenvolveu o pensamento político chomskyano.

As questões levantadas em **O poder americano e os novos mandarins**, que se pode considerar obra inicial e referência dos escritos políticos do autor, procuram numa crítica assaz severa ao posicionamento intelectual de alguns cientistas políticos nos EUA, que são contemporâneos aos acontecimentos da Guerra do Vietnã, discutirem o papel dos intelectuais e de sua responsabilidade frente às ações do Estado norte-americano durante a intervenção militar que se sucedia.

A área de Ciências Sociais entra em foco porque, segundo Chomsky (2006b), é o campo no qual alguns acadêmicos, como Ithiel Pool, corroboram uma ideologia na qual a Ciência Política surge como um dos eixos de sustentação das políticas desenvolvidas pelo Estado, as quais seriam engendradas e defendidas pelos novos mandarins, assim chamados por Pool, os intelectuais aos quais Chomsky responsabiliza não somente por endossarem a guerra, mas também por colaborarem com a mesma e seus pretextos.

A discussão levantada no parágrafo anterior toca a um só tempo a área mencionada e a área de Relações Internacionais, pois além das mesmas guardarem certas semelhanças curriculares e serem de certo modo interdisciplinares, os comentários do autor avançam consequentemente na direção da política internacional devido à temática dos textos que

compõem o livro e também devido ao fato de que política internacional é um dos assuntos mais comentados por Chomsky.

No geral, o que é exposto no trabalho se relaciona com uma de suas questões centrais, a responsabilidade intelectual, evocada no clássico truísmo que afirma que "Os intelectuais têm a responsabilidade de dizer a verdade e denunciar mentiras." (CHOMSKY, 2006b, p. 373). Dessa abordagem desdobram-se posições que interpenetram o terreno das Relações Internacionais, algumas importando no que se pode considerar uma crítica ao realismo político tradicional.

Além da obra citada, outros inúmeros títulos do autor que se seguiram a esse período foram dedicados a discutir política internacional, esse fato levou certos acadêmicos a buscarem a relevância dessas análises para o campo, donde o pensador passou a ser considerado como um realista de esquerda por alguns.

Utilizando-se de uma síntese bibliográfica, o presente capítulo objetiva a avaliação da valia de alguns aspectos dos escritos políticos de Chomsky para as áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, buscando situar o autor em relação a essas áreas por meio dos textos abordados.

Para se adentrar o contexto político que viviam os EUA durante o período da Guerra do Vietnã, é útil observarmos que as condições históricas que propiciaram uma resistência ativa por parte dos intelectuais dissidentes já haviam sido postas de há muito por uma discussão central nas décadas de 50 e 60, a segregação racial e o passado de violência que sofreram as populações negras norte-americanas. (ZINN, 1980)

Na memória do povo negro norte-americano há o peso do passado de escravidão e após esta o sofrimento de grave violência, rebaixamento e segregação. As revoltas dos anos 50 e 60 apenas demonstraram o inconformismo com a condição do negro e a discriminação racial ilegal, porém “legalizada” de forma velada do norte ao sul dos EUA. (ZINN, 1980) Os temas do racismo apareciam em diversas manifestações artísticas de pessoas das comunidades negras que emprestavam sua criatividade para tão graves questões, como é o exemplo do poema de Langston Hughes de 1930 no mural da avenida Lenox:

> O que aconteceu com o sonho adiado?
> Ele seca
> como uma uva passa no sol?
> Ou se deteriora como uma ferida-
> E então correr?
> Ele é fedorento como carne podre?
> Ou crosta e açúcar em pó-
> como um xarope doce?

> Talvez apenas tensão como uma carga pesada.
>
> Ou explode? (ZINN, 1980, p.435, tradução nossa)

O partido Comunista era conhecido nos EUA por dar especial atenção para a questão racial, quando o caso Scottsboro foi revelado no Alabama, foi o Partido Comunista que cuidou da defesa do jovem negro perante iniquidade do sul nos anos iniciais da Grande Depressão. (Zinn, 1980)

Um jovem negro de dezenove anos, Angelo Herndon, cujo pai havia morrido de pneumonia de mineiro por trabalhar em minas do Kentucky, se uniu ao Conselho dos Desempregados e aos comitês de organização do partido Comunista em Birmingham, depois se tornou organizador do partido Comunista em Atlanta, organizou manifestações com cerca de mil pessoas e comitês do Conselho dos Desempregados. Angelo foi detido sob a alegação de violar a lei do estado da Georgia com insurreição. (ZINN, 1980)

Outros personagens da comunidade negra também fizeram o "temido" contato com o partido Comunista, Benjamin Davis, o advogado que defendeu Herndon das acusações, Paul Robeson, famoso no país como ator e cantor e W. E. B. Dubois, escritor e acadêmico, são algumas das personalidades que demonstraram afinidade pelo partido Comunista. (ZINN, 1980)

Segundo Zinn (1980), os negros não eram anticomunistas como os brancos, eles não podiam permitir-se ser, seus aliados eram escassos, e embora essas posições políticas fossem mal vistas pelo país como um todo, essa disposição de luta era bem vista pela comunidade negra.

Após o surgimento das denúncias de racismo na nação e a diferenciação que receberam os soldados negros na Segunda Guerra Mundial, Harry Truman via-se com mais um problema, depois da guerra uma quantidade considerável de africanos e asiáticos surgiu em solo americano. (ZINN, 1980)

> O presidente Harry Truman, no final de 1946, nomeou um Comitê de Diretos Civis, o qual recomendou que a seção de direitos civis do Departamento de Justiça fosse expandida, na qual existe uma Comissão de Direitos Civis, na qual o Congresso passou leis contra o linchamento e a discriminação eleitoral, e sugeriu novas leis para acabar com a discriminação racial no trabalho. (ZINN, 1980, p. 440, tradução nossa)

Embora Truman tivesse dado esse passo, a ANPPC (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor) trouxe perante o tribunal inúmeros casos de segregação racial nas escolas, e finalmente em 1954, o tribunal derrubou a doutrina de "separados, mas iguais" que se mantinha na sociedade norte-americana, e ainda que progressos tenham sido feitos, em 1965, mais de 75% das escolas do sul mantinham a segregação. (ZINN, 1980)

Para os negros a condenação da discriminação andava a passos lentos, então, no começo dos anos 60, fizeram rebeliões no sul, e no final desta década, várias insurreições se deram em várias cidades do norte. (ZINN, 1980)

Em Montgomery, Alabama, Rosa Parks, uma trabalhadora negra que se recusou a levantar do lugar reservado para brancos em um ônibus, foi presa. Rosa disse que após trabalhar todo o dia costurando roupas para pessoas brancas deveria ter o direito de sentar-se no ônibus, e questionou quem decidia nossos direitos como seres humanos. (ZINN, 1980)

O movimento negro iniciou o boicote aos ônibus, caronas se organizaram para levar as pessoas ao trabalho, pessoas iam andando. Mais de cem líderes do protesto foram presos, segregacionistas brancos usaram de violência e jogaram bombas em igrejas negras, a residência de Martin Luther King foi atacada, mas a população negra de Montgomery resistiu e a justiça passou a considerar a segregação nos ônibus ilegal. (ZINN, 1980)

Após essa vitória, mais de dois mil negros lotaram as igrejas e saíram às ruas cantando e entoando hinos, eventos cobertos pelo **New York Times**, no qual Luther King discursou dizendo não se tratar apenas dos ônibus, mas de outras coisas "que vão fundo dentro dos arquivos da história." Zinn[5] (1980 apud KING, 1955, p. 443, tradução nossa)

Os protestos não violentos continuaram, até que quatro rapazes negros de um colégio de Greensboro, na Carolina do Norte, decidiram sentar-se em um restaurante de brancos, não foram atendidos, ficaram até o restaurante fechar, voltaram mais e mais vezes. Nas próximas semanas mais quinze cidades de estados do sul começaram com os *sit-ins*. Houve violência contra os *sit-inners*, porém no próximo ano mais de quinze mil pessoas fizeram protestos, nos quais havia uma maioria de negros, entretanto houve grande participação de brancos também, mais de 3.500 pessoas foram presas, até que no final do ano de 1960 restaurantes abriram para negros em Greensboro e outros lugares. (ZINN, 1980)

Após os incidentes de Greensboro, o Congresso de Igualdade Racial organizou as Viagens da Liberdade, nas quais brancos e negros viajavam juntos para o sul do país a fim de lutarem contra a segregação desse tipo de viagem. Nessas viagens foram atacados com socos e porretes, um dos ônibus foi alvejado por tiros e se seguiram outros episódios de violência, a polícia do sul não fez nada a respeito, nem os federais, que apenas assistiam e anotavam os fatos. (ZINN, 1980)

[5]ZINN, Howard. Or does explode? *In*: **People´s history of the United States.** London, New York: Longman, 1980.

Os mais velhos entre os *sit-ins* formaram o Comitê de Coordenação Não Violenta dos Estudantes (CCNVE) e organizaram um misto do comitê e de Viajantes Livres nos quais participavam brancos e negros, os quais foram presos e sofreram violência. (ZINN, 1980)

As manifestações do movimento negro, que a esta altura já era também o gérmen do movimento estudantil, continuaram em várias cidades, atos com mais de vinte mil pessoas dentre as quais mais de mil foram parar na cadeia. (ZINN, 1980)

As décadas de 60 e 70 registraram ainda muitos incidentes de racismo e violência contra a população negra, inclusive muitos assassinatos, porém as alianças dos movimentos negros, movimentos de estudantes e outros movimentos sociais lutaram bravamente para que os direitos civis fossem alcançados para todos e para erradicar as práticas de segregação racial. (ZINN, 1980)

Durante essas décadas de luta pelos direitos civis nos EUA, ocorreram alguns avanços, principalmente em relação à segregação e ao direito ao voto (ZINN, 1980), contudo a repressão foi dura e violenta, apesar disso esse caudal revolucionário deu subsídios para a constituição dos movimentos contra a Guerra do Vietnã, que tinha no movimento estudantil e no CCNVE suas principais bases constitutivas, neste movimento se destacaram alguns intelectuais dissidentes, cuja maioria pertencia à Nova Esquerda norte-americana, alguns dos quais, presos durante a Marcha sobre o Pentágono em 21 de outubro de 1967.

> Chegaram notícias definitivas. Os advogados tinham ido embora, os comissários também: ninguém até o dia seguinte. De modo que Mailer foi até o seu catre. Ficou ao lado de Noam Chomsky, um homem de traços finos e expressão ascética, absoluta integridade moral. [...] tinham-lhe dito que Chomsky, embora um moço de trinta e poucos anos, era considerado um gênio no Instituto de Tecnologia de Massachusetts por suas contribuições para o estudo da linguística [...] Agora, deitado ao lado de Chomsky, Mailer procurava um modo de encetar uma discussão sobre linguística – ele tinha um interesse amador pelo assunto, melhor dito, tinha um interesse de inventor biruta, com várias teorias desvairadas no bolso que nunca fora capaz de aprofundar, pois não conseguia entender patavina do que lia nos livros de linguística [...] Deram início a um ameno papo sobre os acontecimentos do dia, as prisões (Chomsky também fora detido com Dellinger) e quando saíram dali. Chomsky – com todas as probabilidades, um dedicado professor – parecia inquieto ao pensar que poderia perder as aulas da segunda feira. (MAILER, 1968, pp. 200-201)

Essa descrição é trecho do livro **Os exércitos da noite**, romance que faz uma mistura de ficção e documentário, num estilo que lembra literatura *beat*, narra a Marcha sobre o Pentágono de outubro de 67, Mailer não se destaca somente por documentar e registrar os atos de protesto, que lhe rendeu um Pulitzer (BRAGATTO, 2007), mas também por tomar a dianteira nas manifestações, como Chomsky, David Dellinger, outro importante líder do movimento, além de outros intelectuais dissidentes que participaram dos protestos. (MAILER, 1968)

Essa efervescência revolucionária não é exclusividade dos EUA, jovens do mundo inteiro estavam se rebelando contra as injustiças, como é o caso de maio de 68 na França. Tanto na Europa, como na América "Os movimentos em prol dos trabalhadores, da paz, dos direitos civis, da igualdade racial e da libertação feminina estavam todos aguardando conquistas importantes." (BARSKY, 2004, p. 164)

Para Chomsky (2006b), as manifestações no Pentágono foram um passo decisivo que levou a dissidência a se tornar a resistência, a partir desse fato fez conjecturas sobre quais atitudes a resistência deveria tomar diante do problema da guerra.

> Há muitas maneiras de fazê-lo: apoio jurídico e financeiro; participação em manifestações de apoio; aconselhamento na questão do alistamento, organização da resistência ao recrutamento em sindicatos e comunidades; ajuda aos que quiserem fugir do país; os passos propostos pelos sacerdotes que recentemente anunciaram estarem dispostos a compartilhar o destino dos que foram mandados para a prisão. (CHOMSKY, 2006b, p. 435)

Embora muitos intelectuais importantes que estavam nas fileiras da resistência tivessem contribuído de diversas maneiras no movimento contra a guerra, outra parcela da academia, os "comissários" (CHOMSKY, 2006a, p. 201), dos quais alguns eram funcionários do governo, corroboravam os objetivos do Estado norte-americano no Vietnã, muitas vezes utilizando-se do seu campo de atuação para fazê-lo, que no caso, segundo Chomsky (2006b), uma das áreas mais recorrentes desses comissários era a das Ciências Sociais e outras afins.

Esse fator compreende discussões muito caras às áreas em questão, pois a pretensa cientificidade, objetividade e neutralidade que alguns atribuem às Ciências Sociais, em especial à Sociologia e à Ciência Política, muitas vezes serve apenas para se distanciar do fulcro das questões e para reproduzir na ciência as tendências do aparelho repressivo do Estado.

> De maneira geral, a história do imperialismo e da apologia imperialista, especialmente quando encarada do ponto de vista daqueles que estão do lado errado das armas, deveria ser a questão central de qualquer currículo civilizado. Mas existem outros aspectos no que diz respeito a um programa de autodefesa intelectual que não pode ser ignorado. Numa era de ciência e tecnologia, é inevitável que seu prestígio seja utilizado como instrumento ideológico – especificamente, que as ciências sociais e comportamentais sejam das mais diversas maneiras postas a serviço da defesa das políticas nacionais ou usadas para mascarar interesses específicos. (CHOMSKY, 2006b, p. 365)

Examinando essa característica do campo da Sociologia dessa perspectiva no século XXI, Philip Luck, se faz uma série de questionamentos a respeito das orientações modernas da Sociologia. O que seria a categoria responsabilidade intelectual em Sociologia? Tal domínio possui um grau de responsabilidade em relação à educação e ao grande público, o campo foi digno do "contrato social" (LUCK, 2007, p. 938, tradução nossa)?

Segundo Luck (2007), em 1981 a Associação de Sociologia Americana (ASA), propôs que fosse lançado um novo olhar sobre a disciplina, pois se estava em uma nova era, de novos acontecimentos, conflitos, grupos terroristas e problemas globais. A Sociologia deveria se perguntar quais são seus novos propósitos, valores e redefinições frente aos conturbados tempos modernos. A Sociologia é uma área que nos fornece os aportes para entendermos os processos de injustiça no mundo, porém, muitos profissionais conduzem sua pesquisa com as premissas de neutralidade e objetividade científica, o que os distancia e os neutraliza diante dos fenômenos estudados, já outros sabem que não estamos numa sociedade neutra e buscam com empenho mudanças de viés para suas pesquisas na disciplina.

Ainda de acordo com Luck (2007), Zinn caracteriza a disciplina de Sociologia como sendo "às avessas" Luck[6] (2007 apud ZINN, 1997, p. 939, tradução nossa) e mantendo posições que banalizam a amplitude dos problemas sociais globais como miséria e fome. Ao mesmo tempo em que os sociólogos buscam objetividade para o campo, a população morre de fome, ao mesmo tempo em que buscam benesses e prestígio acerca de suas posições, a economia global acirra a competição selvagem com escassez de recursos principalmente para aqueles que não possuem poder aquisitivo para concorrer. Assim o país gasta uma fortuna em orçamento militar, e funda multinacionais com a ajuda do aparato militar. Enquanto nossos estudantes estão aprendendo a disciplina em modos de interpretação tradicionais, o *status quo* permanece.

Pode-se encontrar alguns intelectuais precursores como Paulo Freire, que quer ajudar os estudantes a vencerem a "cultura do silêncio" Luck[7] (2007 apud FREIRE, 1996, p.941, tradução nossa), e Walter Lefebvre, para o qual não existe algo possível sem a busca por algo impossível, um ideal compartilhado por outros, que com frequência acomete noções como dissidência e responsabilidade social. Apesar disso as perspectivas acadêmicas conservam formas enrijecidas de concordância e validação que se opõem muitas vezes ao ativismo, que é visto de modo a ser separado da academia. (LUCK, 2007)

Embora muitos pesquisadores atualmente se posicionem sobre ações afirmativas, no final do século passado alguns membros da ASA se pronunciavam neutra e cientificamente em relação a ações afirmativas e diziam que não era apropriado a associação advogar em prol de ações afirmativas. (LUCK, 2007)

Para Luck (2007), apesar de poucos avanços na evolução no tratamento dessas questões, elas servem para inquirir o papel e o lugar da Sociologia no século XXI, para tal pode-se voltar

---

[6] LUCK, Philip. Sociology as practice in humanity: Noam Chomsky, Howard Zinn and social responsibility *In:* **Critical Sociology**, v. 33, Leiden, 2007. pp. 937-955.
[7] Ibid. p. 941

para dentro do campo e observar sociólogos que têm abordagens de perspectivas mais revolucionárias, como também voltar-se para os movimentos sociais do século passado e sobre o trabalho intelectual feito sobre eles. Além disso, segundo Luck, outra maneira de inquirir esse papel seria observando além do campo, trabalho de não sociólogos, como Zinn e Chomsky. Ambos durante sua trajetória promoveram ações e trabalho intelectual ativistas, e suas abordagens foram úteis para o estudo de caso de Luck.

Tratando sobre este ponto no o artigo **A responsabilidade dos intelectuais**, Chomsky (2006b) critica as posições de Irving Kristol, que descreve os movimentos contra a guerra como coisa de universitários irresponsáveis e defende que as políticas em relação ao Vietnã devem estar nas mãos de especialistas responsáveis.

> Os especialistas responsáveis e não-ideológicos fornecem aconselhamento sobre questões táticas; já os "indivíduos ideológicos" e irresponsáveis destilam sua "lengalenga" sobre princípios e se preocupam com questões morais como direitos humanos, ou ainda com os problemas tradicionais do homem e da sociedade, a cujo respeito as "ciências sociais e comportamentais" só têm a oferecer trivialidades. Naturalmente, esses indivíduos emocionais e ideológicos são irracionais, já que, vivendo na prosperidade e tendo o poder ao seu alcance, não deviam preocupar-se com questões como essa. (CHOMSKY, 2006b, p. 389)

Chomsky (2006b) observa que a dicotomia que estabelece Kristol em relação aos intelectuais o remete ao ensaio de Daniel Bell, **O fim da ideologia**, no qual o mesmo defende que a afirmação de Marx quando diz que as circunstâncias de emancipação da burguesia é o que permitirão que a civilização moderna se salve e que se evite a luta de classes, possibilita o entendimento que a era das ideologias terminou e que o estado de bem-estar social, no qual os especialistas provavelmente atuarão em políticas públicas, foi conseguido pela sociedade liberal norte-americana, o que derrubou a barreira entre as classes. Bell se estende ao dizer que a ideologia enquanto mudança social desapareceu, pois já não se necessitam mudanças sociais radicais na sociedade.

Para Bordieu (1976), tentar isolar somente o aspecto político da ciência, ou ao invés disso tentar isolar as pretensões somente intelectuais das divergências científicas, seria uma abordagem falsa, tanto de um jeito quanto do outro.

A divisão estabelecida entre o conflito intelectual e o conflito científico acaba por impor um limite para o debate sobre os objetos de estudo da Sociologia. (BORDIEU, 1976)

Assim a academia procede na definição da categorização hierárquica para os agentes que atuam no desenvolvimento científico, hierarquizam os indivíduos e a universidade, os problemas, os campos e o método científico. Recorre-se aos profissionais das Relações Internacionais na busca pueril da objetividade, como se esta os fosse salvar da tomada de

decisões em época de economia global e das sociedades transnacionais, e como se a pretensa objetividade científica não fosse disfarce para as orientações ideológicas de um estado peculiar da ciência e das estruturas de poder com as quais consentem. (BORDIEU, 1976)

> A autoridade científica é, pois, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições, reconvertido em outras espécies. Podemos retomar a descrição de Fred Reif sobre o processo de acumulação de capital científico e as formas de sua reconversão. Isto no caso particular do campo da física contemporânea, onde a posse de capital científico tende a favorecer a aquisição de capital suplementar e onde a carreira científica "bem-sucedida" torna-se um processo contínuo de acumulação no qual o capital inicial, representado pelo título escolar, tem um papel determinante [...] Esse processo continua com o acesso aos cargos administrativos, às comissões governamentais etc. O pesquisador depende também de sua reputação junto aos colegas para obter fundos para pesquisa, para atrair estudantes de qualidade, para conseguir subvenções e bolsas, convites, consultas, distinções (como Prêmio Nobel, National Academy of Science etc.). (BORDIEU), 1976, pp. 9-10)

Segundo Bordieu (1979), para se estar ciente da justificação ideológica que uma disciplina como as Ciências Sociais desempenha nos Estados Unidos, basta pesquisarmos o montante de pesquisas dedicadas às palavras-chave competição e concorrência. Essa recorrência remete aos valores da livre concorrência do mercado, mas remete também às concorrências dentro das universidades, que favorecem aqueles que possuem o maior capital intelectual.

De acordo com Marcuse (2009), o campo científico atualmente está em um lugar de poder que se configura em avanços da ciência pura para fins políticos e militares de utilização globalizada, o poder de controlar as sociedades se tornou também o controle sobre o desenvolvimento científico, que atua em favor do *status quo* e de seu domínio político e militar. “Consequentemente, não existem dois mundos: o mundo da ciência e o mundo da política (e sua ética), o reino da teoria pura e o reino da prática impura - existe apenas um mundo no qual a ciência, a política e a ética, a teoria e a prática estão inerentemente ligadas.” (MARCUSE, 2009)

Ainda segundo Marcuse, a dicotomia que outrora conferia independência ao campo científico, para que este buscasse objetividade nos estudos dos fenômenos, serve agora ao aparelho repressivo do Estado e a suas ideologias. (MARCUSE, 2009)

> Sua própria "indiferença quanto aos valores" torna a ciência cega para o que acontece com a existência humana. Ou, formulando isso de modo diferente, e um pouco menos caridosamente, a ciência livre de valores promove cegamente certos valores políticos e sociais e, sem abandonar a teoria pura, a ciência sanciona uma prática estabelecida. O puritanismo da ciência transforma-se em impureza. E essa dialética levou à situação na qual a ciência (e não apenas a ciência aplicada) colabora na construção da mais eficiente maquinaria de aniquilamento da história. (MARCUSE, 2009)

Os problemas que Luck (2007), Bordieu (1976) e Marcuse (2009) apresentam, já estavam presentes na crítica de Chomsky (2006b) ao comissariado que veicula em **O poder americano e os novos mandarins**, ou seja, sob pretextos de objetividade e neutralidade, as Ciências Sociais foram apropriadas pelo *Establishment* a fim de perpetuar suas políticas e sua ideologia.

Quando se procura o lugar político de Chomsky dentro das Relações Internacionais de acordo com seu discurso, o qual recebe influências de suas tendências libertárias de esquerda, depara-se com um fato incomum ignorado pela maioria dos estudiosos, o de que há uma tradição realista de esquerda na qual podemos situar as análises do autor, além disso, tal orientação faz contrapeso às abordagens do realismo tradicional. Nos estudos de Relações Internacionais, área na qual há pouca discussão sobre vertentes realistas de esquerda baseadas em pensadores deste lado do espectro político, Noam Chomsky permanece à sombra, a despeito de ser um notável exemplo de um realista de esquerda. (OSBORN, 2009)

Um dos artigos que integra **O poder americano e os novos mandarins, Objetividade e pensamento liberal**, inicia por abordar duas categorias utilizadas em um ensaio de Connor Cruise O'Brien, a subordinação-contrarrevolucionária e a subordinação revolucionária, fatores que na acepção de O'Brien estariam pondo em risco a integridade do conhecimento em face de processos de revolução, pois como se observou à época o estreitamento de relações entre a academia e o poder, haveria o perigo da academia se corromper em face deste fenômeno, O'Brien faz então uma exortação para que os intelectuais estejam mais atentos a estas questões que ameaçam o saber. (CHOMSKY, 2006b)

Em vista desta problemática, o percurso do discurso de Chomsky no artigo se ocupa em evidenciar que há de fato a proximidade de alguns intelectuais e do aparelho de Estado norte-americano, que por ocasião da Guerra do Vietnã, é percebida pelas posições assumidas, as quais eram em geral favoráveis à guerra e a justificavam. A maioria das personalidades criticadas pelo autor está ligada de alguma forma às Ciências Sociais, algumas das quais são cientistas políticos que em suas posições parecem enveredar pelo discurso realista tradicional na questão da intervenção no Vietnã.

Ronald Osborn elenca resumidamente as características do realismo político da seguinte forma:

> Os pressupostos-chave do realismo político, desde Thucydides até de tais pensadores fundadores modernos com Edward Carr, Hans Morgenthau, and Reinold Niebhur, podem ser resumidos como se segue: 1) Estados são as mais importantes unidades de análise em assuntos internacionais; 2) o objetivo do Estado é poder, tanto como um meio para outros fins ou como um fim em si mesmo; 3) as ações de Estados são basicamente racionais, sujeitos à análise em termos de busca de poder; e 4) o sistema

> internacional, ausente de qualquer autoridade controladora, é essencialmente 'anárquico' com resultados sendo determinados por relativos balanços de poder. De fora dessas reivindicações, surge um distinto temperamento realista que tem sido descrito como 'pessimista' em seu núcleo. Realistas são céticos quanto às perspectivas de paz duradoura e críticos da ideia de que os humanos estão progredindo na direção de uma nova ordem mundial baseada na lei internacional ou esclarecido cosmopolitismo. É na boa natureza da política entre nações, e não na natureza humana, a tradição realista declara, que a ética será subordinada à busca de poder, que isso produzirá irreconciliáveis e frequentes violentos conflitos de interesse, e que as soluções para os dilemas de conflito e guerra devem portanto ser baseadas não sobre piedosas esperanças na crescente bondade ou sabedoria dos Estados, mas sobre uma totalmente sensata, 'impiedosa dura análise da realidade'. (OSBORN, 2009, p. 352, tradução nossa).

Ainda segundo Osborn (2009), embora Hans Morguenthau, teórico do realismo, tenha feito certas críticas à guerra em questão, seus comentários ulteriores corroboraram pretextos para a intervenção, os quais quando submetidos a uma simples observação, revelam os contornos do realismo político como citados anteriormente. Morguenthau teve uma dúbia reação à guerra, pois a criticava argumentando que era um enorme desperdício de recursos e material humano, além de constituir um risco de confrontação com a URSS e com a China, e uma possível guerra nuclear, entretanto, afirmava que a política externa dos EUA primava pela defesa dos interesses nacionais, e que, estando esses interesses de alguma maneira ameaçados, o Estado deveria se utilizar dos meios necessários para fazer sua vontade prevalecer, ainda que isso custasse um confronto com as potências mencionadas.

"Ninguém em casa ou no exterior duvida de nosso poder de destruir o Viet Cong, seja isso ainda por meio de genocídio. Nem alguém pode duvidar de nossa resolução de fazê-lo se isso fosse para servir os interesses em jogo" Osborn[8] (2009 apud MORGUENTHAU, 2009, p. 360, tradução nossa)

Constata-se no trecho citado uma enfática apologia ao uso da força (mesmo que seja genocídio), a qual parece desprezar a perspectiva a respeito das leis internacionais estabelecidas na Carta das Nações Unidas (1945), cujas diretrizes são baseadas em princípios segundo os quais as nações teriam o direito à autodeterminação dos povos e o direito à proteção contra a ameaça e o uso da força por potência estrangeira. Pode-se dizer, de acordo com Chomsky (2006b), além de outros, bem como uma de suas principais influências intelectuais, Bertrand Russel (1967), que tais fundamentos assim como os do tratamento dos direitos humanos em situação de conflito estabelecidos na Convenção de Genebra (1949) foram claramente violados pela intervenção norte-americana no episódio do Vietnã.

[8] OSBORN, Ronald. Noam Chomsky and the realist tradiditon. *In:* **Review of international studies**, v. 35, Cambridge, 2009. p. 351-370.

Das críticas às posições da elite do pensamento liberal e às posições de alguns intelectuais descritos como moderados encontradas em **O poder americano e os novos mandarins,** pode-se extrair duas questões de interesse acadêmico para a área das Ciências Sociais e para a área das Relações Internacionais.

Primeiro. Quais são os papéis dos intelectuais e das disciplinas de Ciências Sociais, e de Ciência Política especificamente, em suas relações com a produção do conhecimento, com a universidade e com as estruturas de poder do Estado? Segundo. Em que medida essas relações afetam a política externa e a área de Relações Internacionais?

Ao se buscar as respostas a essas indagações na referida obra, observa-se que Chomsky (2006b) procurou demonstrar como nos EUA o Estado e a elite econômica cooptaram parte da intelectualidade acadêmica em uma ideologia que avançou sobre o conhecimento na defesa de um tipo de saber técnico e especializado em consonância com as práticas de militarização e burocratização estatais. Além disso, a partir do discurso do autor, pode-se inferir que há o reflexo direto do fenômeno da subordinação-contrarrevolucionária, anteriormente mencionado, na questão da política internacional, e que, as questões das intervenções na Ásia, passando pelo aval de determinados intelectuais, foram consideradas como políticas necessárias ou inevitáveis e seriam, portanto, legítimas.

Examinando a ideologia do discurso dos intelectuais referidos, o pensador empreende uma busca pelas possíveis motivações da guerra, e ao observar o argumento de Daniel Bell, cientista político que por ironia da coincidência numa de suas teses mais conhecidas discorreu sobre o fim da ideologia, depara-se, num primeiro momento, com as afirmações de que as ações dos EUA foram uma reação natural às tensões geradas pela guerra fria em relação ao avanço do comunismo. (CHOMSKY, 2006b)

Chomsky (2006b) infere então que há uma crença por parte dos intelectuais liberais numa suposta benevolência das potências democráticas ocidentais para com o mundo subdesenvolvido e citando uma posição de Morguenthau, na qual o mesmo defende que as enormes somas de dinheiro envolvidas na interferência norte-americana nas questões de outras nações e na guerra se tratavam de generosidade que apenas os inimigos dos EUA questionariam, procura exemplificar as posições que busca combater no livro anteriormente citado.

Continuando a dar referências do objeto de sua crítica, o autor se refere a uma declaração de um grupo de cientistas políticos e historiadores que se declaravam uma ala moderada da academia, tal manifestação apareceu no Freedom House Public Affairs Institute, a qual justificava a guerra como medida para deter o avanço da ameaça chinesa e também porque uma

derrota para os comunistas significaria não só um fracasso moral, mas também uma perda de prestígio que atingiria outros trâmites de política internacional. (CHOMSKY, 2006b)

> Eles não explicam por que a credibilidade dos Estados Unidos é mais importante que a credibilidade dos elementos autóctones do Vietnã que se têm empenhado numa guerra de libertação nacional. Como tampouco explicam por que o moral das ditaduras militares da Tailândia e de Formosa precisa ser preservado [...] O pressuposto no programa dos intelectuais moderados é que não devemos estimular "os elementos comprometidos com a tese de que a violência é a melhor maneira de promover a mudança". [...] Para deixar mais claro este ponto, eles consideram que nosso maior triunfo no Sudeste Asiático são as "dramáticas mudanças" ocorridas na Indonésia - sendo a mais dramática de todas o massacre de centenas de milhares de pessoas. Mas este massacre, como o extermínio de vietnamitas por nós promovido, não constitui utilização da violência para promover a mudança social, sendo por isso legítimo. (CHOMSKY, 2006b, p. 52)

Chomsky opõe uma leitura de política internacional às posições dos intelectuais citados que se orienta por sua posição radical contra a guerra e pelo princípio de que os trâmites do Estado não devem ser julgados apenas como fins de poder e prestígio, mas segundo princípios de justiça e direitos humanos, e ao contrário de Morguenthau, para quem o direito dos indivíduos não se aplica aos estados e as mentiras são inevitáveis no contexto das Relações Internacionais, afirma que os estados como os indivíduos deveriam orientar-se pelo princípio do juramento hipocrático de não causar o mal, pois se na busca de seus objetivos um Estado tem de lançar mão de mentiras e violência, não deveria buscar tais objetivos. (OSBORN, 2009)

Segundo Chomsky, quando um Estado adota ações criminosas como as empreendidas no Vietnã, o único caminho que se pode seguir é o de lutar contra o poder e resistir ao Estado, porém resistência sem violência, numa atitude de recusa em apoiá-lo em várias frentes, a qual deveria começar por um cuidadoso exame da própria consciência individual, pois a resistência ao Estado deveria partir mais da naturalidade, da inventividade e do discernimento do que de esquemas pré-concebidos de persuasão. (OSBORN, 2009)

De acordo com Osborn (2009), apesar das análises do autor estarem imbuídas de um realismo analítico orientado pelo pensamento liberal clássico, tal dissonância ideológica como a anteriormente descrita não tem aceitação por grande parte dos estudiosos da área de Relações Internacionais, cujas teorias, em suas origens, estariam interligadas com os interesses políticos das elites. Além disso, observou-se à época da intervenção no Vietnã, que nos EUA, acadêmicos, principalmente da área de Ciências Sociais, transitavam facilmente da docência universitária para cargos administrativos do governo:

> Durante a era do Vietnã, intelectuais em geral, e cientistas sociais em particular, demonstraram uma ‘voluntária subserviência [...] ao poder do Estado’, ajudando a projetar técnicas de contra insurgência e a produzir uma abundância de estudos politicos, regionais, psicológicos, e estratégicos para o governo e contratantes militares. (OSBORN, 2009, p. 363, tradução nossa)

Considerando esta asserção, observa-se que o fenômeno da subordinação-contrarrevolucionária pareceu atuar de modo a minar as perspectivas críticas que campos como o das Ciências Sociais e o das Relações Internacionais poderiam ter mantido diante das políticas de Estado norte-americanas, ao invés disso, o que se observou, foi uma adesão às mesmas pelos cientistas políticos, que não apenas aprovaram-nas, como também foram os arquitetos de muitas delas e o fizeram instrumentalizados pelo lugar de enunciação das áreas mencionadas.

O "clero secular" Chomsky[9] (2006a apud BERLIN, 2006a, p. 199), expressão creditada ao filósofo britânico Isaiah Berlin para se referir aos pensadores do comunismo soviético fiéis ao Estado e às suas barbáries, assim como a divisão que faz dos intelectuais em dois tipos, os comissários (clero secular), que são aqueles que se submetem ao jogo de poder das elites políticas e do Estado, e os dissidentes, que são aqueles que fogem da subserviência ao Estado e ao domínio ideológico imposto pelo mesmo, são, segundo Chomsky (2006a), categorias perfeitamente aplicáveis ao contexto do discurso dos intelectuais liberais desde o período da guerra fria até eventos mais contemporâneos.

A partir das assertivas chomskyanas e do exposto até aqui, pode-se inferir que, nos EUA, a ideologia do Estado se apropriou do lugar de enunciação dos campos em questão durante o período da Guerra do Vietnã, o que se evidencia com o fato do apoio a esta, e que, além disso, observou-se nos mesmos campos a predisposição de um avanço na direção do saber tecnicista ligado à ideologia das elites políticas (comissários) em detrimento de uma abordagem de Ciências Sociais que fosse questionadora e preocupada com os ideais de justiça (dissidentes). Ademais, é possível afirmar por intermédio dos discursos do referido lugar de enunciação, que os mesmos revelam traços de características da ideologia do realismo político tradicional.

Desse modo, ao se avaliar a relevância da análise política de Chomsky para as áreas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, depara-se com algumas considerações importantes.

Primeiro, a razão da escassez das discussões sobre vertentes de esquerda do realismo poderia estar ligada ao aparelhamento da Ciência Política pelo Estado e pelas elites políticas, e também à herança dessas relações para área, como descrito por Chomsky no livro citado e pontualmente neste capítulo.

Segundo, Chomsky não nega o realismo, ao contrário, ele não só o afirma, como também descreve seu funcionamento, o que se observa nitidamente em suas análises políticas, as quais

[9] CHOMSKY, Noam. O clero secular e os perigos da democracia *In*: CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2006. p. 201-230.

são ricas em detalhes e fontes, entretanto, ao fazê-lo, se posiciona contra os pontos principais do realismo tradicional, pois as consequências advindas da adoção desta ideologia nas ações do Estado em relação à política internacional são as intervenções que agridem os direitos humanos e os direitos de outros povos.

Terceiro, na acepção do autor, a dissidência é a única opção quando um Estado toma resoluções na direção oposta ao que se considera ética, justiça e moralidade.

Alguns acadêmicos fizeram certas críticas sobre os escritos políticos de Chomsky, o qual foi acusado de cometer erros em seus livros, como por exemplo, negar o genocídio do Camboja e manter posições antissemitas em relação à questão Israel-Palestina. Para outros estudiosos, as análises chomskyanas são marcadas no campo por desconhecimento e deturpação. (OSBORN, 2009)

> Embora seu trabalho seja "às vezes enfraquecido pelo exagero", o historiador Walter LaFebber escreve, "Chomsky é instrutivo sobre o presente e o futuro porque ele é sério sobre o passado [...] E ele é muito sério sobre o uso da evidência". Narrativas probatórias de hostilidade a Chomsky também falham em explicar por que seus escritos são sujeitos a tais antipáticos escrutínios em primeiro lugar. A resposta mais lógica é que é a política radical de esquerda de Chomsky que provoca resistência incomum aos dados factuais que ele apresenta mais que o contrário. (OSBORN, 2009, p. 364, tradução nossa)

Um exemplo de uma narrativa hostil ao trabalho político em questão é o de Samantha Power, que acusa Chomsky de fazer uma espécie de distorção maniqueísta da história, na qual enxergaria apenas duas coisas, os norte-americanos como opressores e o resto do mundo como oprimidos. Diz ela que nas análises do autor enquanto os opressores não podem fazer o certo, o malfeito dos oprimidos é raramente mencionado (OSBORN, 2009), "então os bilhões de dólares de ajuda internacional [...] e intervenções em Kosovo e Timor-Leste [...] tem de ser explicados" Osborn[10] (2009 apud POWER, 2009, p. 364-365, tradução nossa).

O argumento de Power assemelha-se à fala de Morguenthau no caso do Vietnã, a qual foi observada por Chomsky e citada anteriormente.

Segundo Osborn (2009), é curioso que no trabalho de Power, o qual pode ser situado como uma espécie de liberal internacionalismo e discorre sobre as omissões de Washington em intervir para prevenir atrocidades como as de Bósnia, Camboja e Ruanda, haja uma única menção ao caso do Timor-Leste em um texto que ganhou o prêmio Pulitzer, na qual diz que os EUA observaram de longe o massacre na Indonésia. Entretanto, o fato é que tais eventos vêm sendo examinados por Chomsky desde os anos 80 e a denúncia do envolvimento norte-americano já havia sido feita, pois como atesta o autor, o secretário de Estado Henry Kissinger

[10] OSBORN, Ronald. Noam Chomsky and the realist tradiditon. *In:* **Review of international studies**, v. 35, Cambridge, 2009. p. 351-370.

e o presidente Gerald Ford haviam estado em Jakarta com o General Suharto às vésperas da invasão do Timor-Leste e ao massacre que se seguiu com total apoio bélico dos EUA.

Quando indagado por que se detêm sobre as atrocidades cometidas pelo Ocidente apenas, Chomsky afirma que em sua visão é prioridade o dever do intelectual ocidental denunciar as ações dos líderes do Ocidente, porque além de se possuir privilégio na busca e uso da informação onde se está, ele deve atuar para promover a mudança à sua volta (OSBORN, 2009), pois "a responsabilidade do escritor como agente moral é tentar trazer a verdade sobre assuntos de significância humana para uma audiência que possa fazer algo sobre eles" Osborn[11] (2009 apud CHOMSKY, 2009, p. 366, tradução nossa).

Se a constância na crítica de Chomsky às intervenções norte-americanas nas questões geopolíticas mundiais de um lado colabora para enriquecer a perspectiva crítica dos trâmites de política internacional, de outro gera contestação e dúvidas quanto à validez dos argumentos do pensador sobre determinados episódios, como por exemplo, as ações da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) no Kosovo, descritas pelo autor como atrocidades. (CHOMSKY, 2006a)

Além disso, embora o estilo de escrita política do pensador seja simples, acessível ao leitor comum, ademais da posição radical e polêmica, há por vezes muita ironia e sarcasmo, isso relacionado ao fato de ser uma pessoa pública e popular pode ter contribuído para atrair críticos e fazer com que alguns acadêmicos buscassem fissuras em seu discurso para desacreditá-lo.

Na abordagem da questão do Kosovo, para contestar as inferências do linguista sobre os acontecimentos, Jeffrey C. Isaac (2002) examina a questão embasando seus argumentos em algumas considerações sobre direitos humanos feitos por Hannah Arendt em **Origens do totalitarismo**. Segundo ele, no livro citado, a autora denuncia a falsificação dos direitos humanos por parte dos regimes totalitários tanto de esquerda quanto de direita, fatos que culminaram em horrendas atrocidades e total supressão dos direitos humanos feitas pelos mesmos, Isaac também diz que ainda que ela não negue que a utilização dos direitos humanos evocados por porta-vozes de democracias ocidentais possa ser hipócrita, em sua visão, é o que faz com que essas democracias tomem medidas políticas e militares inevitáveis em oposição ao totalitarismo quando este ameaça os direitos humanos.

Além disso, Isaac (2002) afirma que na obra em questão, Arendt refuta a mera exposição do discurso dos direitos humanos e procura uma noção de responsabilidade intelectual pautada

[11] Ibid., p. 366.

nesta refutação, para o autor do artigo, Chomsky incorre neste erro ao criticar as ações da OTAN no Kosovo.

De acordo com Isaac (2002), Chomsky expôs a hipocrisia das ações militares da OTAN no Kosovo, as quais evocaram os direitos humanos como pretexto, porém ao fazê-lo, estaria de certa forma sendo condescendente com o regime de Slodoban Milosevic e as atrocidades promovidas por este, além disso, com uma nova expressão, "o novo humanismo militar" Isaac[12] (2002 apud CHOMSKY, 2002, p. 522, tradução nossa), estaria afirmando que o discurso dos direitos humanos entre os políticos não significaria nada mais que o militarismo norte-americano.

Para aclarar melhor a questão, é de valia examinar o caso do Kosovo mais detidamente.

As tensões étnico-políticas do Kosovo são questões de relevo internacional desde que a segregação dos albaneses ganhou força com o governo de Milosevic, o qual fomentava a superioridade dos cidadãos sérvios frente aos cidadãos albaneses, tal política encorajou os albaneses a praticamente construírem uma sociedade paralela ao Estado sérvio e a fazerem tentativas de independência, além disso, alguns grupos de resistência albaneses fundaram "extraoficialmente" o KLA, sigla em inglês para Exército de Libertação do Kosovo, o qual chegou a contar com vinte mil homens em suas fileiras. Tal grupo passou a praticar atos de terrorismo e, em 1998, declarou-se com intensão de unificar o território albanês. Nas constantes confrontações entre as forças sérvias e o grupo citado ocorreram agressões aos direitos humanos dos dois lados. Milosevic declara o grupo como terrorista e se propõe à cooperação internacional para resolver o problema. Após várias discussões diplomáticas, os EUA mudam de posição e passam a considerar o Exército de Libertação do Kosovo como aliado, ocorre então a descoberta de uma chacina de albaneses e após a recusa da Sérvia em assinar um tratado de negociações internacionais na França, é desencadeado o bombardeio de 1999. (NOGUEIRA, 2015)

Como visto, as tensões no Kosovo eram complexas e de difícil resolução, porém ao se atentar para os fatos pela ótica do estudo de Arthur H. V. Nogueira (2015), diplomata brasileiro que escreveu sobre o assunto, nota-se que a intervenção foi duramente criticada pelo autor, que demonstrou em seu trabalho o desrespeito pelas leis internacionais por ocasião do episódio, observe-se a título de exemplo as consequências do bombardeio:

> O jornalista brasileiro Kennedy Alencar, com apoio da Embaixada do Brasil, descreve a vida das populações afetadas. Os alvos, escolhidos por seu valor simbólico ou estratégico, são divulgados com antecedência, o que não impede a destruição, em 7

[12] ISAAC, Jeffrey. Hannah Arendt on human rights and the limits of exposure, or why Noam Chomsky is wrong about the meaning of Kosovo. *In:* **Social research**, v. 69, n. 2, 2002. p. 505-536.

> de maio, da Embaixada da China em Belgrado – acidente, desculparam-se os americanos – e a morte de civis, como os jornalistas da cadeia oficial de televisão iugoslava que não evacuaram o prédio antes de ofensiva em 23 de abril. Outros equívocos ocorreram, como os ataques aéreos a trem de passageiros em Leskovac em 12 de abril e, no dia 23, a comboio civil no Kosovo. (NOGUEIRA, 2015, p. 159-160)

Além disso, após os acontecimentos que trouxeram consequências terríveis para os sérvios, como mais de oitocentos mil refugiados e milhares de baixas militares, a Iugoslávia aceitou os acordos do G-8, porém com o vazio de poder que se seguiu, o Exército de Libertação do Kosovo cometeu várias atrocidades. Segundo Nogueira, Chomsky foi um dos poucos que deu atenção a esses fatos e escreveu sobre eles. (NOGUEIRA, 2015)

Quando Isaac critica Chomsky por seus ataques ao que ele considera uma apropriação dos direitos humanos pelo imperialismo norte-americano, o faz na procura dos argumentos arendtianos da ação contra o totalitarismo e da exposição desnecessária de uma suposta hipocrisia da intervenção, pois identifica o regime de Milosevic como totalitário e Chomsky como crítico gratuito da intervenção. Embora o governo citado possa possuir características desse tipo de regime, também as possuía a resistência albanesa, basta observar os atos de violência executados por ela na busca de seus objetivos.

Na visão de Chomsky (2006a), a ação da OTAN, que se aliou ao KLA, apenas agravou o conflito e abriu caminho para outras atrocidades, assim como afirmou Nogueira (2015), além disso, o linguista afirma que a intervenção da OTAN no processo desencadeou massacres muito piores que os atribuídos a Milosevic.

Isso seria um vício do discurso chomskyano, como afirma Isaac (2006), quando diz que o que o autor faz é reiterar a mesma crítica de **O poder americano e os novos mandarins** para todos os eventos que analisa.

Ora, se é verdade que Chomsky está reiterando uma mesma crítica, provavelmente seria proveitoso observar no que insiste. Talvez procurar denunciar como o Estado norte-americano comete excessos e transgressões em suas intervenções internacionais, dessa forma demonstrando (mesmo que indiretamente e não nesses termos) como o realismo político continua atuando de maneira semelhante como o fez no Vietnã no caso do Kosovo? Pois, de acordo com Nogueira:

> Inicialmente considerado organização terrorista pelos Estados Unidos, os interesses estratégicos norte-americanos levam-nos a reavaliar essa classificação em 1998 e a servir-se do KLA como força terrestre durante o bombardeio de março a junho de 1999. (NOGUEIRA, 2015, p. 156)

Como visto anteriormente, nas concepções políticas realistas tradicionais como a de Hans Morguenthau, quando se trata dos interesses norte-americanos, os meios necessários

devem ser utilizados não importando se resultarão em conflito. Assim ele descreve os conceitos realistas em **A política entre as nações**:

> O realismo parte do princípio de que seu conceito chave de interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida, mas não outorga a esse conceito um significado fixo e permanente. A noção de interesse faz parte realmente da essência da política, motivo por que não se vê afetada pelas circunstâncias de tempo e lugar. [...] As mesmas observações devem ser aplicadas ao conceito de poder. Seu conteúdo e a maneira como é utilizado são determinados pelo ambiente político e cultural. O poder pode abarcar tudo que estabeleça e mantenha o controle do homem sobre o homem. Assim, o poder engloba todos os relacionamentos sociais que se prestam a tal fim, desde a violência física até os mais sutis laços psicológicos mediante os quais a mente de um ser controla uma outra. O poder cobre o domínio do homem pelo homem não só quando se apresenta disciplinado por desígnios morais e controlado por salvaguardas constitucionais (tal como ocorre nas democracias ocidentais), como quando ele se converte nessa força bárbara e indomável que só consegue encontrar leis em sua própria força e justificação em seu próprio desejo de engrandecimento. (MORGUENTAU, 2003, p. 16-18)

No caso do Kosovo, se por um lado o regime de Milosevic perpetrou uma segregação étnica e cometeu crimes contra os direitos humanos, por outro a OTAN se aliou a uma organização terrorista que cometia os mesmos crimes, porém do lado dos albaneses, e como nos afirma Nogueira (2015), foi a primeira vez que observadores perplexos assistiram a OTAN juntamente com um grupo terrorista lutar contra uma nação soberana como a Sérvia.

Ao se observar as análises políticas de Chomsky, é possível notar que há de fato reiterações de assuntos e que a política externa norte-americana é o principal alvo de suas críticas, contudo percebe-se que não é de forma gratuita, ao contrário, o que é exposto está sempre denunciando o abuso de poder que entra em conflito com o disposto nas leis internacionais anteriormente citadas neste artigo, não é feita uma crítica declarada ao realismo político tradicional, tal qual se percebe, mesmo que indiretamente, em **O poder americano e os novos mandarins**, porém ao questionar as ações militares e os interesses nelas envolvidos, o autor está criticando a um dos fundamentos do realismo político, o uso do poder na defesa de interesses políticos.

Buscando um padrão nos comentários de Chomsky, Bruce Robbins (2009) afirma em artigo que o discurso do autor pretende ser um típico exemplo de discurso cosmopolita e universalista, o qual utiliza como instrumentos retóricos atos de comparação entre as ações do Estado norte-americano e as de outros estados.

Segundo Robbins (2009), o discurso político de Chomsky obedeceria ao que se parece a uma regra de ouro quando se assenta no truísmo moral do mesmo que diz que "Os critérios que aplicamos aos outros devemos aplicar a nós mesmos." Robbins[13] (2009 apud CHOMSKY,

[13] ROBBINS, Bruce. Chomsky's golden rule: comparison and cosmopolitanism. *In:* **New literary history**, Comparison, The Johns Hopkins University Press Stable, Vol. 40, No. 3, 2009. p. 547-565.

2009, p. 549, tradução nossa). Ao inferir o fato de que a perspectiva do autor é mantida de modo a parecer cosmopolita, que às vezes recorre até mesmo a um observador extraterrestre ironicamente, Robbins sugere que os atos de comparação do discurso em questão são feitos sem restrição, parecendo desprezar a diversidade de contexto dos eventos comparados.

Para ilustrar sua crítica a Chomsky, o autor anteriormente citado comenta algumas posições tomadas pelo linguista em relação a alguns eventos de política internacional a fim de exemplificar as asserções que faz sobre ele.

Um exemplo é a resposta que Chomsky dá sobre os comentários de Thomas Friedman, colunista da **Times**, que a respeito das intervenções de Israel em Gaza em 2009, disse que as ações de Israel eram uma tentativa de "educar" o Hamas, causando mortes entre seus asseclas e um grande sofrimento aos habitantes de Gaza (ROBBINS, 2009), ao que Chomsky rebateu dizendo: "E por lógica similar, o esforço de Bin Laden para 'educar' americanos em 9/11 foi muito louvável, como foram os ataques nazistas à Lídice e Oradour, a destruição de Putin em Grozny e outras notáveis tentativas em exercícios educacionais." Robbins[14] (2009 apud CHOMSKY, 2009, p. 550, tradução nossa)

Outros exemplos das demonstrações de Robbins (2009) sobre as comparações chomskyanas são o fato de que o linguista inquiriu qual seria nossa reação se a Colômbia ou a China usassem o processo de fumigação nas lavouras da Carolina do Norte, as quais são utilizadas para desenvolver produtos letais, assim como o governo dos EUA o fez na Colômbia na guerra contra as drogas, ou quando afirma que as ações de Bush no Iraque como defesa antecipada se parecem ao ataque japonês à Pearl Harbor.

Além disso, de acordo com Robbins (2009), Chomsky se pergunta o porquê das intervenções norte-americanas nos anos 90 se intitularem "intervenções humanitárias", se as intervenções de outros países nos anos 70, como a da Índia em Bangladesh e a do Vietnã no Camboja, não receberam esse mote, apesar de terem sido efetuadas com o fim de acabar com massacres. De posse de tal comparação, Robbins afirma que o linguista estaria diante de um paradoxo, pois se ele aprova as intervenções no caso de impedir os massacres, deveria apoiar os EUA, pelo menos em sua atitude de intervenção diante dos acontecimentos do Kosovo, que hipoteticamente se propunham a isso, ou se manter crítico aos argumentos da Índia e do Vietnã para as respectivas intervenções.

Além desses exemplos, talvez uma das comparações que mais tenha custado em reputação a Chomsky seja a de ter comparado as atrocidades de Pol Pot no Camboja às ações

[14] Ibid., p. 550.

da Indonésia no Timor-Leste, estas com suposto apoio estadunidense. Segundo ele, a imprensa internacional centrou holofotes no caso do Camboja e esteve quase ausente no caso do Timor. Tal comparação gerou um mal entendido que serviu para que alguns críticos o acusassem de apologia aos atos de Pol Pot. (BARSKY, 2004)

Em suas acepções sobre o estilo do linguista o autor do referido artigo alega que o universalismo de Chomsky é na verdade um nacionalismo às avessas, pois os EUA quase sempre estão no centro de suas discussões, e mesmo que negativamente, frequentemente alvos de crítica e desaprovação, esse fator é um indicativo de que os comentários do pensador não são universais e cosmopolitas, mas sim, americanistas. (ROBBINS, 2009)

Diante das referidas críticas ao discurso de Chomsky, pode-se opor os argumentos de que as comparações feitas pelo autor procuram sempre examinar o outro lado da moeda, e mesmo com um sarcasmo radical, não se propõe a fazer apologia da violência, mas sim de entender os fatos geopolíticos pelo olhar do outro, nesse sentido há sim uma regra de ouro, mas que procura igualar o tratamento dos atores políticos envolvidos.

Quanto à negação de seu cosmopolitismo com a afirmação de que os EUA é sempre o centro de suas críticas, há de se observar que embora a crítica à potência hegemônica esteja sempre lá, é em relação à sua atuação nos trâmites de política internacional que ela se concretiza, isto é, levando-se em consideração os direitos e interesses de outras nações, dessa maneira, é difícil encontrar um autor tão cosmopolita, pois seus comentários abarcam as mais variadas regiões do globo.

"Embora a crítica de Chomsky nunca seja neutra, ela é imparcial, pois escruta a tudo e a todos, sempre tentando examinar os diversos ângulos do problema. Ele parte do princípio de que as possibilidades de manipulação das informações são inesgotáveis." Chomsky, Barsamian[15] (2003b apud MOTTA-ROTH, 2002 p. 10).

Os escritos de Chomsky frequentemente não são bem vistos entre os estudiosos de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, pois além das acusações já expostas, seus escritos não recebem a devida atenção das áreas e são frequentemente desconsiderados como não teóricos (LAFFEY, 2003), apesar desses fatores, outros acadêmicos têm se esforçado para buscar as contribuições de Chomsky para as referidas áreas e averiguar sua importância, é o caso de Mark Laffey, o qual disserta em seu artigo sobre a problemática da recepção da obra política do autor nas áreas mencionadas.

[15] CHOMSKY, Noam; BARSAMIAN, David. **Propaganda e consciência popular**. Bauru: EDUSC, 2003.

É inegável o imenso número de volumes, entrevistas, palestras e artigos dedicados a discutir política internacional observados na carreira de Chomsky, apesar de ser um autor mais considerado, até canônico, por seus estudos de Linguística contemporânea, seu trabalho com escritos políticos foi igualmente produtivo durante toda sua vida, e embora esses trabalhos possam não ter a preocupação teórica das disciplinas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, pode-se considerar sua produção como ciência social crítica, apesar de posicionar-se fora das teorias e filiações intelectuais tradicionais dessas áreas. (LAFFEY, 2003)

Segundo Laffey (2003), há algumas narrativas que procuram caracterizar a nova ordem mundial, que começa com o fim da Segunda Guerra Mundial e início da guerra fria. A imprensa, os formuladores de políticas e alguns estudiosos compartilham uma concepção de nova ordem mundial que reconhece o imperialismo norte-americano como tendo um caráter benevolente, seria a evolução natural de uma ordem pós-westfaliana da internacionalização do capital. Desse ponto de vista, o imperialismo dos EUA e a ordem liberal, assim como a expansão de seus domínios para outros territórios do mundo, ainda que por meios autoritários, apareceriam como fenômenos benéficos.

Olhando para a nova ordem mundial de um diferente prisma, Chomsky observa o capitalismo e as relações de poder entre as classes, assim constata como o poder atua diariamente na vida das pessoas, então busca um discurso alternativo aos predominantes, se poderia dizer que ele faz parte da tradição realista de esquerda, a qual legou suas contribuições aos estudos de Ciências Sociais e Relações Internacionais remontando a nomes como Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Max Weber, Edward Carr e Michel Foucault, tal tendência se caracteriza pelo foco no poder e pelo ceticismo quanto à ideologia e as pretensões dos poderosos. Dessa forma, de acordo com o linguista, a nova ordem mundial estaria pautada pelo poder político e militar dos EUA. (LAFFEY, 2003)

Segundo Chomsky, o governo seria produto de grupos economicamente dominantes e obedeceriam aos desígnios do poder de classe, além disso, os trâmites de política internacional seriam reflexos das relações de poder internas do Estado. (LAFFEY, 2003)

Esta afirmação reitera a exposição da primeira parte do presente capítulo, na qual se considera a argumentação empreendida para evidenciar as relações entre os intelectuais, as elites econômicas e os detentores do poder, assim como os reflexos dessas relações na questão do Vietnã. Nessa abordagem, o corporativismo aparece como articulador de tais relações:

> Preocupações similares motivam a análise de Chomsky da corporação moderna. Em comum com escritores liberais do começo do século vinte, Chomsky vê a corporação como uma organização autoritária e totalitária, preocupada mais com comandar do que com a busca racional de lucro e produção eficiente, e distribuição de bens e serviços. A personalidade legal da corporação moderna e o mais vasto contexto

> institucional com o qual ela opera é uma proeza política, produto a longo prazo do uso do poder público para fins privados. Para além dos recursos, corporações podem exercer sobre os administradores do Estado, através das instituições jurídicas, os privilégios de propriedade que são construídos dentro da estrutura do Estado em si mesma. Tal como propriedade privada e Estado, para Chomsky, corporações representam concentrações de poder irresponsável, e são como um obstáculo à democracia e ao exercício da liberdade humana. Em sua posição de princípio focada no poder, em diversas formas e lugares, Chomsky é um mais profundo e consistente realista que muitos os que conscientemente reivindicam o título. (LAFFEY, 2003, p. 595, tradução nossa)

Como observa Laffey (2003), ao seguir pelo raciocínio do poder de classe, o autor refuta o discurso de caráter pacífico e benevolente da ordem liberal. Para Chomsky, há fartas demonstrações no cotidiano das sociedades liberais para que se observe as contradições do discurso mencionado, basta notar a concentração de renda na mão de poucos e a extrema dificuldade em que vivem os mais pobres. Como esse estado de coisas se mantém? Segundo ele, há mecanismos de controle ideológico da população utilizados pelas democracias de mercado.

O mesmo discurso é questionado a partir das ações do Estado norte-americano na política internacional, que de acordo com Chomsky, se pôde observar, por exemplo, nas questões das intervenções na Ásia e no apoio norte-americano a ditaduras violentas na América Latina, além disso, há as inúmeras contradições das relações norte-sul durante e após a guerra fria, relações que nos estudos de algumas disciplinas popularizaram o conceito de imperialismo. (LAFFEY, 2003)

Nos escritos políticos de Chomsky há abundância de dados empíricos de como funcionam as estruturas de poder, dessa forma, sua obra fornece uma narrativa alternativa e elucidativa para aqueles estudiosos de Relações Internacionais que pretendem uma descrição não convencional da nova ordem mundial. (LAFFEY, 2003)

Procurando um padrão teórico no discurso de Chomsky, Laffey (2003) afirma que se entende que para descrever a realidade social seja necessária uma teoria, mas quando se busca um padrão teórico nos trabalhos políticos de Chomsky tendo como referência as disciplinas de Ciências Sociais e de Relações Internacionais, é difícil obtê-lo, mesmo porque observando as asserções chomskyanas sobre as teorias desses campos, percebe-se seu profundo ceticismo em relação a elas. Chomsky cita como influências a análise de classes de Smith e o conceito de Estado de Bakunin, ademais, rejeita o marxismo como teologia, entretanto, reconhece que Marx tenha deixado conceitos interessantes, como por exemplo, classes e relações de produção, os quais qualquer um com sensibilidade dominaria e empregaria. (LAFFEY, 2003)

> Esses e outros conceitos estruturam as análises políticas de Chomsky e ajudam-no a compreender nosso mundo. As análises políticas de Chomsky são conceitualmente e teoricamente fundamentadas em referência à maneira da ciência social. [...] Muito da

> análise de ciência social, e da análise da política mundial, funciona como um tipo de apologia imperialista. Muito da análise da política mundial, incluindo aquela produzida dentro das disciplinas de Relações Internacionais [...], fracassa ao encontrar ainda que um mínimo de adequação empírica quando avaliadas em função do trabalho de Chomsky [...] Faz pouco sentido se engajar na construção da teoria, se positivista ou pós-positivista, quando compreendemos que os materiais empíricos básicos sobre os quais a teoria precisa traçar e operar são tão pobres. A rejeição de Chomsky da teoria e sua recorrência aos fatos podem ser interpretadas como um dos princípios de reação a esta situação. Em relação às Relações Internacionais, a paixão de Chomsky pelos fatos é uma séria e necessária correção para um campo que é frequentemente demasiado entusiasmado para teorizar tanto sobre tão fracas bases empíricas. (LAFFEY, 2003, p.601-602, tradução nossa)

Nessa abordagem, o autor vem demonstrando desde o início de suas análises como a teoria tem funcionado de apoio ao aparelho de Estado no decorrer da história do imperialismo e da apologia imperialista (LAFFEY, 2003).

Para constatá-lo basta observar algumas análises de conjuntura internacional que tem empreendido em seus escritos políticos.

Diante das questões levantadas no texto aqui apresentado, considera-se profícua uma síntese das inferências possibilitadas pela reflexão sobre os pontos altos e relevantes da exposição.

Em primeiro lugar, pode-se dizer que os escritos políticos de Chomsky são orientados por suas posições esquerdistas e por noções que remontam aos pensadores liberais clássicos, nesse viés, o autor procurou demonstrar como nos EUA as articulações entre os grupos privilegiados, os acadêmicos e o Estado funcionaram no sentido de promover políticas baseadas nos interesses do *status quo*, além disso, afirma que a ideologia de tais grupos dominantes encontrou reflexo nos trâmites de política internacional e corroborou as intervenções militares norte-americanas durante a guerra fria e posteriormente. Ademais, o pensador atesta que tais intervenções resultaram em agressões violentas a outras nações, como no caso do Vietnã, no qual a intervenção recebeu o aval de diversos intelectuais ligados às Ciências Sociais e às Relações Internacionais.

A cisão entre comissários e dissidentes era evidente no contexto histórico da Guerra do Vietnã, além disso, o passado histórico recente dos Estados Unidos era o das lutas pelos direitos civis da população afrodescendente, tais lutas geraram conflitos violentos, porém muita politização adveio disso e ativistas do movimento negro acabaram por ajudar a fundar células fundamentais do movimento estudantil e consequente do movimento contra a guerra, cujos destaques são alguns dos intelectuais aqui citados, em especial, Chomsky.

A aparente frieza de acadêmicos das Ciências Sociais obcecados com a neutralidade e a objetividade pode ser compreendida a partir de uma sondagem sociológica da própria ciência,

que desse viés, aparece instrumentalizada pelas estruturas de poder e compactuando com sua ideologia.

Em segundo lugar, ao se procurar situar o autor dentro dos campos em questão, observa-se que alguns estudiosos se esforçam por identificá-lo como fazendo parte de um grupo que representaria o realismo político de esquerda, tal vertente teria pouco espaço dentro dos estudos das referidas áreas, cujas tradições e origens possivelmente remontariam à ideologia dominante na época da guerra fria, às influências das elites e aos pressupostos do realismo político tradicional.

Em terceiro lugar, não há um reconhecimento de Chomsky entre a maioria dos acadêmicos de Relações Internacionais, isso se deve pela falta de filiações teóricas percebidas em sua obra e também por conta do grande ceticismo que o autor mantem em relação aos corpos teóricos das disciplinas desta área. Além disso, devido às opiniões polêmicas e a seu demasiado sarcasmo, detém uma coleção de críticos, dois destes foram comentados neste artigo e procurou-se refutar suas asserções. Os argumentos de Isaac (2006) perdem força após confrontados com o estudo de Nogueira (2015). Robbins (2009), que procura descrever o estilo do escritor como universalista e cosmopolita para depois negar que esses parâmetros sejam autênticos em sua obra, esquece-se que Chomsky, além de ser um crítico do imperialismo, costuma sempre posicionar-se do lado do outro, "daqueles no lado errado das armas" Laffey[16] (2003 apud CHOMSKY, 2003, p. 602, tradução nossa), isso apenas reforça o caráter cosmopolita e universal de seu pensamento.

Por fim, conclui-se que o trabalho político do escritor possui uma vasta matéria para a reflexão dos estudiosos das áreas em questão, pois não só proporciona um contrapeso a certas orientações ideológicas oficiais, como também elucida de que maneira uma concepção mais arraigada nos direitos humanos e na dissidência política pode contribuir para questionar o fazer das Ciências Sociais e das Relações Internacionais.

[16] LAFFEY, Mark. Discerning the patterns of world order: Noam Chomsky and international theory after the cold war**.** *In:* **Review of international studies**, Cambridge, v. 29, 2003. p. 587–604.

4 **INTELECTUAIS DISSIDENTES NA AMÉRICA LATINA, VOZES SILENCIADAS**

Dentre as análises de política internacional que empreende Chomsky, algumas que são bem recorrentes apresentam o olhar do autor sobre as questões da América Latina, ele ressalta que como se não bastasse o passado de violência na conquista pelo colonizador europeu, certas práticas que manteve o imperialismo norte-americano na região durante a época da guerra fria perpetuaram atos semelhantes aos dos conquistadores contra os povos nativos no cometimento de atrocidades contra a população desses países. (CHOMSKY, 1993)

O autor afirma ainda que há um tipo de fabricação de consenso na grande mídia que opera no sentido de centrar atenção a fatos que se pretende defender em detrimento de acontecimentos que merecessem ser denunciados, assim um preso político de Cuba que relatava abusos da ditadura castrista, recebeu honrarias e um cargo representando os Estados Unidos na Comissão de Direitos Humanos da ONU, mais tarde, defenderia o governo da Guatemala e de El Salvador de crimes bem piores que os atribuídos a Fidel, enquanto em El Salvador: (CHOMSKY, 2003a)

> Tudo isso aconteceu em março de 1986. Foi bem interessante, e nos revela algumas coisas sobre fabricação consenso. Naquele mesmo mês, os sobreviventes do Grupo de Direitos Humanos de El Salvador - os líderes tinham sido assassinados – foram presos e torturados, incluindo Hebert Anaya, que era o diretor. Foram enviados para uma prisão chamada esperança (La Esperanza). Na prisão eles continuaram o trabalho em prol dos direitos humanos. Eram advogados e continuaram a recolher depoimentos assinados, sob juramento, em que eram descritas as torturas a que os presos eram submetidos: choques elétricos e outras atrocidades, incluindo um caso de tortura feita por um major americano, com o uniforme do exército norte-americano, que é descrito em pormenores. [...] Anaya não foi alvo de nenhuma homenagem. Não estava presente no Dia dos Direitos Humanos. Não foi nomeado a nada. Ele foi libertado numa troca de prisioneiros e em seguida assassinado, aparentemente pelas forças de segurança apoiadas pelos Estados Unidos. (CHOMSKY, 2003a, p. 42-43)

Segundo Chomsky (2003a), a imprensa norte-americana não quis veicular o relatório e a mídia televisiva não deixou que fosse à TV, a única menção a esse fato foi um artigo de um jornal local de uma *grassroots* dos EUA que publicou o relatório e mais nada.

Ainda sobre El Salvador, o autor destaca o assassinato dos intelectuais dissidentes jesuítas em 1989, importantes estudiosos em seu país e comprometidos com a causa da denúncia dos abusos do regime de então. “Um deles, padre Ignácio Ellacuria, foi reitor da principal universidade de El Salvador. Era um escritor muito conhecido, assim como os outros.” (CHOMSKY, 2006a, p. 204) Outro pensador silenciado em El Salvador foi Ignácio Martín-Baró, cujo pensamento sobre o papel da Psicologia em sua sociedade se assemelha com o papel que Chomsky espera dos intelectuais dissidentes que se propõem a enfrentar o *status quo*. (CHOMSKY, 2006a)

Voltar-se-á a Martín-Baró mais adiante para elucidar esta questão.

O linguista alega um absoluto descaso deste acontecimento por parte da grande mídia, que se manteve calada a respeito, e diz que outras importantes vozes contra a barbárie e os crimes contra os direitos humanos foram silenciadas na América Latina, como o caso do Bispo Juan Gerardi, morto às vésperas da publicação de uma importante pesquisa feita pela igreja na qual descreve os massacres cometidos na Guatemala, **Guatemala: nunca más**. (CHOMSKY, 2003b)

Outro dissidente que merece destaque nas reflexões de Chomsky é o colombiano Javier Giraldo Moreno, mais uma voz da igreja que não se calou frente à violência que sofreu seu país por conta da atividade militar e paramilitar alinhadas com interesses norte-americanos, as quais perseguiram e assassinaram milhares de pessoas, muitas por motivações de viés ideológico e político. (CHOMSKY, 1994)

Essa predisposição belicosa agressiva aos direitos humanos que se observou nos países da América Latina entre os anos 80 e 90 é produto das tensões históricas do período da guerra fria desde o final da Segunda Guerra Mundial, no qual as políticas elaboradas e empreendidas pelos Estados Unidos com objetivos de dominação econômica e ideológica colaboraram por deflagrar intervenções militares e ditaduras em vários países, tais regimes se moveram na direção do uso da força e da violência que culminaram no cometimento de barbárie e massacres contra as populações, o que gerou inúmeras violações aos direitos humanos nesses lugares. (CHOMSKY, 1992)

Segundo Octavio Ianni (1976), assim como adentra a forma de pensar e de agir das pessoas, as características da ideologia da classe dominante restringem o funcionamento da ciência em sua pesquisa. Os instrumentos que deveriam auxiliar os cientistas sociais em seu trabalho, servindo-se de discussões sobre neutralidade científica, parecem enveredar pelo caminho impregnado pelo modo de pensar das elites, assim como afirmado no capítulo anterior da presente dissertação.

"A política cultural do imperialismo envolve a combinação de programas e agências governamentais com a atuação de empresas privadas." (IANNI, 1976, p. 42) As ações dos EUA com essas agências e esses programas lançaram mão de um uso irrestrito das Ciências Sociais na execução de ações que envolvem a política e a esfera militar, as atividades repressivas políticas e militares empreendidas pelos agentes imperialistas estadunidenses se utilizaram de modo amplo das Ciências Sociais (IANNI, 1976):

> Em 1970, por exemplo, alguns círculos antropológicos norte-americanos defrontaram-se com essa questão. Tornaram-se públicos documentos revelando que alguns antropólogos estavam colaborando nos programas de pesquisa para a contra

> insurreição na Tailândia. Essa informação comprovava, uma vez mais, a crescente mobilização de cientistas sociais e instituições universitárias dos Estados Unidos e de países dependentes nas operações imperialistas desse país na Ásia, África e América Latina. (IANNI, 1976, p. 43)

De acordo com o sociólogo, ao se analisar o discurso e a política empregada pelos ditadores dos países vitimados pela utilização das políticas a pouco descritas, se encontrará as características ideológicas das classes dominantes alicerçando o imperialismo. (IANNI, 1976)

Ainda Ianni diz que, após a Segunda Guerra Mundial, o combate às ideologias de esquerda, principalmente nas nações dependentes e coloniais, tornou-se um dos eixos principais das ações imperialistas norte-americanas. (IANNI, 1976)

> De outro lado, a falta de elaboração ideológica e técnicas organizatórias específicas é um produto da espécie de controle das forças econômicas, socioculturais e políticas e conseguido pela minoria privilegiada, poderosa atuante através do totalitarismo de classe, pois aquela minoria pode, graças à extrema concentração de riqueza e do poder, usar de modo direto e permanente a violência institucional objetiva, legitimada e monopolizada pelo Estado. [...] a ausência da oposição organizada bastante eficiente, o caráter ocasional e a impotência relativa da resistência cívica, permitem quer fascistizar certas funções estratégicas do Estado (sem tocar em outras condições, estruturas e funções), quer atingir uma rápida fascistização de tais funções do Estado (e mesmo de todo o Estado) se as circunstâncias exigirem. [...] reforçando as tendências naturais das elites no poder a sufocarem as "ameças de anarquia" com mão de ferro (o anseio do "combate ao comunistmo" fazia com que qualquer preço fosse aceitável e com que várias ondas de fascistização do poder estatal recebessem acolhida simpática e calorosa. (FERNANDES, 1981, p. 21, p. 26)

Nessa atmosfera, veio à luz o Projeto Camelot, um projeto de investigação sociológica que estava ligado à esfera militar e de contra insurreição, no qual se planejava integrar sociólogos norte-americanos e latino-americanos com a intenção de manter e incrementar os interesses dos EUA nos países subdesenvolvidos como os da América Latina. (IANNI, 1976)

Felizmente, esse programa foi denunciado por alguns latino-americanos, o que o tornou inviável, porém seus desdobramentos não, todo o desenvolvimento da subsequente ação imperialista norte-americana nos países latino-americanos assumiu outras alcunhas e outras roupagens, então "as ditaduras militares ou não aperfeiçoaram as bases científicas da repressão cultural, social, política e econômica, em conformidade com os interesses do imperialismo." (IANNI, 1976, p. 51)

As relações hegemônicas que os Estados Unidos mantiveram desde depois da Segunda Guerra Mundial para com os países da América Latina se pautaram principalmente por dois tipos de diplomacia, a do *dólar* e a do *big stick*, esses dois vieses políticos originaram o conceito de *diplomacia total*, que se define por não restringir a hegemonia norte-americana apenas sobre a economia, a política e as ações militares, mas que englobou as questões sociais e culturais, além disso, manifestou uma característica racista no modo como essa diplomacia se constituiu

nas ações e orientações do governo e seus funcionários, dentre eles acadêmicos de Ciências Sociais. (IANNI, 1974)

Essas afirmações do pensador assemelham-se às assertivas do capítulo anterior, que buscaram em **O poder americano e os novos mandarins**, além de textos afins, os indícios da participação de uma parcela de intelectuais, dentre os quais vários cientistas sociais, no avanço do comportamento dos EUA em relação à sua política externa como mencionado no parágrafo anterior, essa aproximação que é possível verificar no trabalho de Ianni e Chomsky não parece ser influência de uma obra na outra, tampouco simples e pura coincidência, entretanto, apesar da obra do sociólogo se pautar em uma metodologia mais sólida e a do linguista não, ambas adquirem confluência sobre alguns aspectos e alguns nomes, os quais envolvem as Ciências Sociais, as Relações Internacionais, a ação da propaganda, as intervenções militares e a violência contra as populações.

Segundo Fernandes (1981), o termo fascismo se mantinha um tópico importante nas Ciências Sociais, especialmente para as análises de América Latina na contemporaneidade (época em que vocalizava esse discurso), de acordo com o sociólogo, esse termo pode denominar uma espécie de fascismo que os cientistas políticos vinham se recusando a assimilar.

Para exemplificar o tipo de política empregada pelos Estados Unidos para com os países da América Latina pode-se examinar alguns apontamentos feitos por Chomsky sobre os acontecimentos atrozes que são frutos dessa política de orientação fascista que se estendeu sobre alguns países.

Comecemos pelo exemplo de El Salvador.

De acordo com Chomsky (1992), por muito tempo uma ditadura instaurada pelo governo norte-americano em El Salvador legitimou assassinatos e torturas em larga escala contra a população nativa.

Na década de 70, o país experimentou um aumento no número de movimentos populares, assim como juntas camponesas, grupos eclesiásticos de base e grupos cooperativistas. Este tipo de movimento popular não era do agrado dos Estados Unidos que os encaravam como um problema. (CHOMSKY, 1992)

O arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, enviou um pedido ao governo americano para que não mandasse apoio militar para os governantes porque, segundo ele, este apoio serviria para "agravar a injustiça e a repressão contra as organizações populares" Chomsky[17] (1992 apud ROMERO, p. 34, 1980, tradução nossa). (CHOMSKY, 1992)

[17] CHOMSKY, Noam. **What Uncle Sam really wants**. California, Berkeley: Odonian Press, 1992.

Pouco tempo depois o arcebispo foi assassinado, sua morte foi atribuída a um assassino que era um líder do partido ARENA, o qual governava o El Salvador de então. Logo após houve uma missa de comemoração na qual houve grande participação da população mais pobre e de outros bispos, inclusive estrangeiros. A igreja formalizou um pedido de canonização do arcebispo. (CHOMSKY, 1992)

Segundo Chomsky (1992), o ocorrido não foi coberto pela mídia estadunidense como deveria, e na missa de comemoração realizada, foi notada a ausência de representantes norte-americanos. Na mesma época o país foi colocado em estado de sítio e uma dura repressão começou contra a população:

> Em 7 de março de 1980, duas semanas antes do assassinato, o estado de sítio foi instituído em El Salvador, e a guerra contra a população começou a vigorar (com continuada ajuda e envolvimento dos EUA). O primeiro maior ataque foi o massacre no Rio Sumpul, uma operação militar coordenada entre os exércitos hondurenho e salvadorenho no qual ao menos seiscentas pessoas foram esquartejadas. Crianças foram cortadas em pedaços com machados, e mulheres foram torturadas e afogadas. Pedaços de corpos foram encontrados no rio por dias posteriormente. Para os observadores da igreja, essa informação veio à tona imediatamente, mas o mainstream da mídia dos EUA não achou que era útil a divulgação [...] Camponeses são as principais vítimas dessa guerra junto de organizadores de trabalho, estudantes, padres e qualquer um suspeito de trabalhar pelos interesses do povo. No último ano de Carter, 1980, o número de mortos alcançou cerca de 10.000, aumentando para cerca de 13.000 em 1981, quando os reganistas tomaram o controle. (CHOMSKY, pp. 35-36, 1992, tradução nossa)

Oito anos depois, houve o atentado contra os intelectuais jesuítas, mais uma vez a imprensa norte-americana silenciou a respeito, e o estranhamento de Chomsky com o descaso da mídia frente a casos tão graves é o que o faz associar a fabricação de consenso com esta atitude de silêncio, pois segundo o autor, a imprensa centra foco somente ao que a ela interessa e aos interesses do *status quo*. (CHOMSKY, 2006a)

Dentre uma das vozes dissidentes silenciadas pelos ditames do regime patrocinado pelos Estados Unidos está a de Martín-Baró (1996), e é interessante como algo de seu estudo se assemelha ao pensamento de Chomsky sobre a atividade do intelectual dissidente, embora a leitura de Martín-Baró seja sobre a Psicologia, o ato de se questionar sobre o papel do psicólogo frente às adversidades do contexto encontra um elo de conexão com as afirmações do linguista sobre o papel do intelectual dissidente.

Segundo Martín-Baró (1996), há muito que os psicólogos latino-americanos vinham se debatendo com o papel do psicólogo, que no entender de muitos, estaria muito mais ligado com o contexto histórico dos seus povos e suas demandas do que com o estabelecimento da Psicologia enquanto ciência.

Para o psicólogo, era possível inferir três aspectos sobre as condições dos povos centro-americanos a partir da descrição de uma análise simples, que são: “a situação estrutural de injustiça, os processos de confrontação revolucionária, e a acelerada conversão das nações em satélites dos Estados Unidos.” (MARTÍN-BARÓ, p. 8, 1996)

De acordo com Martín-Baró (1996), em relação ao primeiro aspecto que ressalta em sua análise, afirma que os regimes que se estabeleceram sobre as regiões pobres centro-americanas, devido a uma estrutura social injusta, incorreram numa desigualdade acentuada na distribuição de renda, tornando a maior parte da população vítima da extrema pobreza e assegurando a uma pequena parcela da população vantagens e regalias.

Na região centro-americana, a grande maioria da população jamais teve suas necessidades primárias como comida, habitação, escola e saúde sanadas, esse fator em contraste com a abundância excessiva de pequena parte da população ligada a oligarquias se evidencia como a primeira violação para com os direitos humanos destas populações, e tem se mantido durante muito tempo com violentos métodos repressivos de coação da sociedade. (MARTÍN-BARÓ, 1996)

O segundo aspecto da situação sócio-histórica da América Central são os contextos de conflito, guerrilha e guerra que se abateram em todas as nações dessa região (MARTÍN-BARÓ, 1996):

> Existe uma sangrenta guerra civil em El Salvador, que já fez mais de 60.000 vítimas e desalojou 20% da população civil de seus lugares de origem. Há uma guerra não menos sangrenta nas fronteiras da Nicarágua, financiada e dirigida pelos Estados Unidos. Há uma situação difundida de guerrilha na Guatemala, resistindo a uma pavorosa campanha contra insurreição. [...]
> As consequências desse estado generalizado de guerra só podem ser adequadamente avaliadas quando se somam à situação de miséria estrutural, por si só catastrófica. [...] No caso de El Salvador, estimativas otimistas calculam que o retrocesso da economia nacional é de pelo menos vinte anos e que, no melhor dos casos e na mais favorável das projeções, o país poderia recuperar no final do século a situação em que se encontrava no momento em que começou a guerra (ver Instituto, 1983; Argueta, 1985; Ibisate, 1985). [...] Onde deveriam surgir fábricas, constróem-se quartéis, e onde o dinheiro deveria ser investido em sementes e tratores, é usado para bombas e helicópteros armados. A militarização da área centro-americana é um dos processos mais graves que estamos presenciando (Bermudez, 1985; Bermudez & Cordova, 1985). (MARTÍN-BARÓ, p. 9, 1996)

O terceiro aspecto do contexto dos povos centro-americanos é a conversão das nações em satélites dos EUA, que a pretexto de uma política de segurança norte-americana, as orientações das nações deveriam obedecer à ideologia anticomunista. (MARTÍN-BARÓ, 1996)

De acordo com Martín-Baró (1996), a grande maioria das tomadas de decisões sobre a política das nações centro-americanas eram efetuadas levando-se em consideração a política de

segurança estadunidense, o território dos países foram palco das manobras norte-americanas durante o séc. XX, o que aumentou o clima de polarização deles.

O psicólogo propôs o *quefazer* do psicólogo diante destes três aspectos do contexto sócio-histórico da América Central, uma das principais críticas que fez é a de que os psicólogos latino-americanos centravam sua atenção somente às classes mais abastadas e restringiam sua visão desprezando a situação social de seu entorno. (MARTÍN-BARÓ, 1996)

Para Martín-Baró (1996), todas as carreiras de nosso cotidiano estão a serviço do *status quo*, e não seria diferente com a Psicologia. Ele buscou então no conceito freiriano de *conscientização*, que é a tomada de consciência que possibilita a mudança individual e social das populações oprimidas latino-americanas quando alfabetizadas em processo dialético com sua realidade, seu paradigma sobre a atuação dos psicólogos no poder transformador da situação de miséria, de guerra e de alienação imposta pelos trâmites político-militares do país opressor.

Desse modo, o pensamento do psicólogo converge com o de Chomsky quando este discute sobre o papel dos intelectuais e o papel da dissidência frente aos acontecimentos que agridem os direitos humanos e os direitos de outras nações.

Diante do exposto neste capítulo, pode-se inferir que a política internacional dos EUA pareceu primar no envolvimento político e militar nos países da América Latina, assim como no caso do Vietnã e do Kosovo, citados no capítulo anterior, a diferença é que nas outras nações comentadas no capítulo, Guatemala, El Salvador e Colômbia o apoio aos regimes violentos instaurados nesses países veio sob a forma de apoio político, financeiro e militar ao invés de uma intervenção direta, tal apoio conferia aos Estados Unidos o controle repressivo sobre aquilo que considerassem fora da ordem estabelecida. (CHOMSKY, 1985, 1992)

Pode-se indagar a esse respeito se o mesmo tipo de política foi empregado nos países da Ásia, da África e outros da América Latina, assim como se os profissionais envolvidos na elaboração e condução de tais políticas tendem para o mesmo viés ideológico que aqueles denunciados pelo linguista em **Objetividade e pensamento liberal**, pois IANNI (1976) incorreu no mesmo tipo de denúncia quando dissertou sobre a utilização das Ciências Sociais nas relações diplomáticas da *diplomacia total*. Pode-se indagar também quanto da influência do realismo político pode haver nas ações dos EUA nesses trâmites de política internacional.

Continuando a dar exemplos sobre a questão latino-americana sobre os crimes contra os direitos humanos cometidos no período da guerra fria e um pouco depois, principalmente nas décadas de 80 e 90, nos deparamos com o caso da Guatemala, país no qual o regime deixou um saldo de duzentos mil mortos, mais de um milhão e meio de pessoas refugiadas, milhares de crianças órfãs e mulheres enviuvadas. (CHOMSKY, 2003b)

O Bispo Juan Gerardi após levar adiante um importante estudo interdiocesano chamado **Guatemala: nunca más**, que denunciava os crimes cometidos contra a população guatemalteca, foi assassinado às vésperas da publicação da pesquisa. (CHOMSKY, 2003b)

Infelizmente mais uma tragédia que silenciou uma importante voz contra a iniquidade da repressão violenta a que foram submetidos os povos latino-americanos durante a vigência dessas políticas. Entretanto, o resultado do estudo tornou-se público e pode dar o testemunho das barbáries criminosas que se abateram sobre o povo guatemalteco.

O Informe Projeto Interdiocesano de Recuperação da Memória Histórica (tradução nossa), REMHI, buscou um trabalho minucioso e metodológico na recuperação da memória histórica do impacto da violência sofrida pelo povo da Guatemala inquirindo os métodos de resistência e confronto dos que sobreviveram e como interpretam tudo que sofreram em relação ao Estado e à sociedade. (REMHI, 1998)

Em essência o projeto buscou ouvir os testemunhos dos camponeses que sofreram com as perdas de amigos e entes queridos brutalmente assassinados e torturados pelas forças do regime, muitos deles deram o testemunho pela primeira vez. (REMHI, 1998)

A Guatemala tem sido vítima em sua história da neutralização política, da segregação étnica e da injustiça social que se originaram do próprio ordenamento do Estado, a partir 1954 até a contemporaneidade a nação sofreu em diferentes momentos, grupos sociais e áreas os efeitos dos regimes autoritários que se estenderam pelas décadas de 60, 70 e 80, esta última, década da qual há mais testemunhos no estudo da igreja. (REMHI, 1998)

> Então uma breve reportagem do assassinato de ainda um outro professor na universidade nacional, o Times observou de passagem que mais de 40.000 pessoas haviam desaparecido e mais de 95.000 "foram mortos na violência política aqui desde de 1954" de acordo com a Comissão de Diretos Humanos Guatemalteca do México": para traduzir da *Newspeak*, cerca de 140.000 foram eliminados pelos governos instalados que continuam no poder pelos EUA desde a derrubada da democracia guatemalteca em1954 (o fato crucial, regularmente omitido em noticiários e comentários editoriais) de acordo com a Comissão de Diretos Humanos que é sediada no México porque seus membros não poderiam sobreviver muito tempo na Guatemala. Em maio de 1982, a conservadora Conferência de Bispos Guatemalteca declarou que "nunca em nossa história tais extremos foram atingidos, com os assassinatos agora passando à categoria de genocídio. (CHOMSKY, p. 156, 1985, tradução nossa)

Quando se afirma que a política imperialista estadunidense juntamente com seus conceitos de *big stick* e de *diplomacia total* teve envolvimento com os arranjos políticos e o apoio militar e bélico dos governos instaurados em países como a Guatemala, há de se inquirir que grau de culpabilidade tem a nação opressora nos atos violentos de repressão realizados no interior dessas nações, os quais violaram de inúmeras maneiras os diretos humanos com tamanha gravidade que culminaram no cometimento de genocídio.

O terceiro exemplo dos massacres ocasionados na América Latina é o caso da Colômbia, que contou com uma importante voz dissidente, o Padre Javier Giraldo, outra cabeça da igreja que decidiu documentar como se operava a violência militar e paramilitar em uma Colômbia já democrática. Noam Chomsky introduziu a versão em inglês de seu livro **Colombia the genocidal democracy**, no qual se descreve os testemunhos de brutalidades semelhantes às que já foram apontadas neste capítulo.

Em 1989 o governo dos Estados Unidos revelou uma negociação sobre a venda de equipamento militar para a Colômbia, alegando que tal empresa visava a guerra contra o narcotráfico, eles afirmavam que a Colômbia era um país com uma sólida democracia que não demonstrava um histórico de violações aos reconhecidos direitos humanos. (CHOMSKY, 1994)

Pouco tempo antes, a comissão de justiça e paz do Padre Javier Giraldo relatou em 1988 mais de 3.000 assassinatos por motivações políticas, sendo 273 destes em atos de "limpeza social" (CHOMSKY, p. 2, 1994, tradução nossa), as mortes por motivações políticas estavam numa proporção de oito ao dia. (CHOMSKY, 1994)

Uma reportagem do Washington Office on Latin America (WOLA), informou que a maioria dos assassinatos e desaparecimentos foram de pessoas de organizações de base, políticos de esquerda, lideranças camponesas, ativistas pelos diretos humanos e de outros movimentos sociais. (CHOMSKY, 1994)

O livro do Padre Giraldo traz uma série de testemunhos de relatos dos horrores que a população camponesa sofreu perante os agentes militares e paramilitares, histórias sobre tortura e esquartejamento, dos quais não se necessita descrição na presente dissertação. Porém, importante destacar a reflexão que faz sobre os números da violência colombiana, dos quais somente dez por cento de um total de oitenta por cento do número de assassinatos na Colômbia eram produto da guerrilha, os outros setenta por cento quase em sua totalidade se compunham de pessoas e dos grupos citados no parágrafo anterior. (GIRALDO, 1994)

Esses massacres foram deflagrados pelas forças militares e paramilitares que criminosamente assassinaram mulheres, homens, velhos, jovens e crianças sob o pretexto de empregar o máximo combate contra a ameaça interna por parte do governo, isso permitiu a ampla criminalização da oposição social e política. (CHOMSKY, 1994)

Estes, El Salvador, Guatemala e Colômbia, foram os três exemplos extraídos da produção chomskyana sobre a política "terrorista" que os Estados Unidos fomentaram em suas relações de política internacional para com a América Latina. Certamente que em outros países houve históricos semelhantes, contudo, estes massacres e assassinatos de dissidentes são alguns

mais recorrentes nas análises do autor, ele está constantemente em entrevistas ou ensaios compartilhando desta triste memória.

Nos três exemplos, sobressai-se a instituição eclesiástica, não tanto em si mesma, mas em relação aos indivíduos que nela atuaram, pessoas que não se calaram diante das atrocidades cometidas contra os povos de suas nações, muitos deles pagaram com a vida a atitude de dissidência, a recusa em aceitar o inaceitável e a atitude de denunciar o que a história jamais esquecerá.

Algumas questões sobre a tônica da exposição dizem respeito às áreas de Ciências Sociais e Relações Internacionais.

Primeiramente, realmente há evidências históricas de que a política internacional norte-americana agiu de maneira a obter o controle dos regimes latino-americanos, auxiliando-os com treinamento e armamento para que neutralizassem tudo que os EUA considerassem como uma ameaça à hegemonia norte-americana naqueles territórios?

Segundo, pode-se dizer que os esforços estadunidenses de controle social atingem diversas esferas e não somente a esfera econômica, política e militar, há todo um trabalho da indústria cultural ou segundo Chomsky (2003a), propaganda e fabricação de consenso, que adentra o país em foco no esforço de torná-lo um satélite dos EUA (MARTÍN-BARÓ, 1996) e forçá-lo a se adequar à ideologia do país opressor. (IANNI, 1976)

Em terceiro lugar, segundo Ianni (1976) e Chomsky (2006b), parte de uma dada intelectualidade acadêmica formada principalmente de cientistas sociais colaboraram para a consolidação da política externa dos EUA em relação às outras nações na elaboração de métodos para a aplicação de suas formas de dominação econômica, política e militar.

Ianni (1976) vai mais longe ao afirmar que os EUA estavam acelerando reformas universitárias nos países dependentes, reformas cujas tendências eram a despolitização acadêmica com o intuito de uma concepção profissionalizante do ensino, a valoração do viés tecnocrático voltado para a educação técnica, a mudança nos cursos e nas grades curriculares de Ciências Sociais direcionando-as à metodologia de análise quantitativa com o pretexto de que as Ciências Sociais deveriam se orientar pelas ciências naturais.

Por fim, seria proveitoso averiguar o funcionamento do realismo político tradicional dentro das esferas que detinham o poder das decisões das ações do governo norte-americano em relação à diplomacia e à política internacional, fazendo um recorte histórico como o realizado neste capítulo.

CONCLUSÃO

Noam Chomsky é um pensador de muitas facetas, nesta dissertação exploramos algumas delas, porém, ainda que não se tenha conseguido alguma profundidade substancial de reflexão para as áreas mencionadas nesta pesquisa, boas discussões, temas pertinentes e algumas indagações profícuas foram suscitadas no texto.

A biografia do linguista descreve um jovem e um adulto profundamente engajado com posições esquerdistas e causas ativistas, o que parece peculiar é a precocidade com que o autor tomou contato com as influências de esquerda e anarquistas com as quais se relacionou, segundo o próprio Chomsky, esse engajamento influenciou seu olhar crítico.

Outra faceta saliente em sua biografia foi sua participação nos movimentos contra a Guerra do Vietnã, a partir deste ponto se pode notar um aumento em sua produção de escritos políticos e encontrar um dos trabalhos que se poderia considerar ponto de referência e de importância em sua obra, **O poder americano e os novos mandarins.**

No tocante à Linguística, se observa que o autor representa um ramo da linguística estruturalista, entretanto, também se nota que se distancia de seus precursores e propõe algo novo, algo que mudaria os rumos do pensamento linguístico de então, tanto para aqueles que concordam como para aqueles que discordam dos pressupostos de sua teoria.

Um dos aspectos da revolução chomskyana em sua área de origem é o descobrimento da possibilidade de uma Gramática Universal, uma descrição esquemática que teoricamente seria aplicável de modo muito parecido às várias línguas humanas, que deste ponto de vista, da estrutura profunda da língua, seriam muito semelhantes nos seus constituintes fundamentais.

A descoberta linguística citada no parágrafo anterior possibilitou a afirmação que é base da teoria inatista, de que a linguagem humana é inata, biológica, e embora se constitua em suas trocas com o meio, seu aspecto fundamental é a criatividade, característica que torna os indivíduos capazes de lidarem com enunciados novos quando os ouvem pela primeira vez.

Como Chomsky também é um expoente da Ciência Cognitiva, a presente dissertação se preocupou em comentar suas críticas ao behaviorismo de Skinner e em expor alguns de seus argumentos.

O esquema arbóreo, sistema desenvolvido pelo linguista para descrever a sintaxe das línguas é o que se poderia chamar de Gramática Universal, pois teoricamente com ele se pode descrever todas as línguas humanas de maneira muito similar. Os estudos gerativistas desenvolvidos em língua portuguesa por duas precursoras, Souza e Santos, e Koch, demonstraram a aplicabilidade da teoria gerativista aos enunciados de português. A exposição

desta dissertação, embora sucinta e inteiramente baseada nas aplicações que fizeram as duas linguistas, pode dar um exemplo do que seria o esquematismo que descreve sintaticamente à maneira da gramática gerativa uma determinada língua.

Além disso, o estudo da gramática gerativa pode ser útil para o aprendizado da gramática tradicional, já que propõe um olhar diferente sobre a sintaxe e os enunciados. Desse modo, várias habilidades curriculares que foram ou são utilizadas no ensino e aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa no ensino médio das escolas estaduais do estado de São Paulo, poderiam se beneficiar da utilização do gerativismo no desenvolvimento das habilidades descritas nos currículos.

Quanto às Ciências Sociais e às Relações Internacionais.

Como as obras políticas do pensador adentram essas áreas, mas não somente, alguns acadêmicos buscaram situá-lo como sendo um realista de esquerda assim como o próprio autor o admite (LAFFEY, 2003). Resta indagar qual seria o peso do realismo de esquerda dentro das Ciências Sociais e das Relações Internacionais. O realismo político tradicional realmente é uma política e uma diplomacia que influenciaram a política internacional dos Estados Unidos em sua expansão imperialista e em suas intervenções militares?

Em relação à crítica aos cientistas sociais nos EUA que foram cooptados pelo Estado na elaboração de estudos que em teoria teriam auxiliado nas políticas imperialistas e nas intervenções militares. Em que medida isso ocorreu? É possível que diante das discussões de alguns cientistas sociais aqui consultados tais relações históricas da academia com o aparelho de Estado possam ter deixado heranças na ideologia das áreas citadas?

Sobre a dissidência política e o ativismo, esta dissertação procurou fazer a ponte entre o ativismo e o trabalho intelectual.

Diante do exposto no trabalho, pode-se dizer que uma parte importante da ação dos intelectuais é resistir ao Estado quando este dá demonstrações de ações criminosas e tendências que caminham na direção oposta aos interesses democráticos e dos cidadãos comuns. Teoricamente, o Estado norte-americano agiu em conformidade com a ideologia das classes dominantes nas políticas imperialistas que impôs a outras nações, para isso recorreu ao domínio político e militar de diversos países no mundo, a partir desse viés político anticomunista em sua essência, apoiou regimes que atentaram em máximo grau contra os direitos humanos das próprias populações.

Em relação à América Latina, é interessante como o Chomsky político encontra semelhanças e ecos, em suas devidas proporções, com trabalhos sobre imperialismo

desenvolvidos por cientistas sociais brasileiros, especialmente Octavio Ianni e Florestan Fernandes, os quais foram fundamentais para a feitura da presente pesquisa.

Três casos foram observados na América Latina, El Salvador, Guatemala e Colômbia, nos três casos os intelectuais que optaram pela dissidência e por não silenciar sobre o que estava ocorrendo faziam parte da igreja. Infelizmente alguns deles foram assassinados, muito provavelmente, vítimas do regime que denunciavam.

Eles podem tê-los tirado de seus povos, mas uma coisa que não podem apagar é a obra e a história que cada um deles deixou para os seus e para os outros, e sobre isso, cabe muito o que falar sobre o ativismo e a dissidência política.

REFERÊNCIAS

ARZOBISPADO DE GUATEMALA. OFICINA DE DERECHOS HUMANOS. **Guatemala: Nunca Más: impactos de la violencia / Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala.** Guatemala: ODHAG, 1998. p. 346 Volumen 1.

BARSKY, Robert. **Noam Chomsky: a vida de um dissidente**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

BARSKY, Robert. **The Chomsky effect: a radical Works beyond the ivory tower**. Massachusetts, London: The MIT Press, 2007.

BELLETI, Antônio.; RIZZI, Luigi. Introdução dos editores: alguns conceitos em teoria linguística *In*: Chomsky, Noam. **Sobre a natureza da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 1-52.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS - USP. **Convenção de Genebra IV**. Genebra, 1949. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Conven%C3%A7%C3%A3o-de-Genebra/convencao-de-genebra-iv.html. Acesso em: 7 jul. 2020.

BRAGATTO, Susana. **Jornalismo literário como literatura: o novo jornalismo de Armies of the night, de Norman Mailer**. São Paulo: 2007. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-24102007-150804/publico/DISSERTACAO_SUSANA_BRAGATTO.pdf Acesso em 13 de ago. 2021

CHOMSKY, Noam. A linguagem e o cérebro. *In*: CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.pp. 73-111.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1970.

CHOMSKY, Noam. O clero secular e os perigos da democracia. *In*: CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 201-230.

CHOMSKY, Noam. **O controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda.** Rio de Janeiro: Graphia, 2003a.

CHOMSKY, Noam. **O poder americano e os novos mandarins**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Para entender o poder: o melhor de Noam Chomsky**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHOMSKY, Noam. Perspectivas sobre a linguagem e a mente. *In*: CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Pp. 53-72.

CHOMSKY, Noam. **Problems of knowledge and freedom**. London: Fontana, 1972.

CHOMSKY, Noam. The culture of fear. *In:* GIRALDO, Javier. **Colombia the genocidal democracy**. Maine: Commom Courage Press Monroe, 1994.

CHOMSKY, Noam. **The radical intellectual**. Disponível em: http://chomsky.info/20100408/. Acesso em: 10 jun. 2020.

CHOMSKY, Noam. **Turning the tide: U.S. intervention in Central America and the struggle for peace**. Boston, Massachusetts: South End Press, 1985.

CHOMSKY, Noam. **What Uncle Sam really wants**. California, Berkeley: Odonian Press, 1992.

CHOMSKY, Noam. BARSAMIAN, David. **Propaganda e consciência popular**. Bauru: EDUSC, 2003b.

CHOMSKY, Noam, FOUCAULT, Michel. Human nature justice vs. power. *In:* **On human nature**. New York, London: The New Press, 2006.

CHOMSKY, Noam. DIETERICH, Heinz. **La sociedade global: educación, mercado y democracia**. México: Grupo Editorial Planeta, 1995.

CHOMSKY, Noam. DIETERICH, Heinz. **Latin America from colonization to globalization**. Australia: Ocean Press, 1999.

ISAAC, Jeffrey**.** Hannah Arendt on human rights and the limits of exposure, or why Noam Chomsky is wrong about the meaning of Kosovo. *In*: **Social research**, v. 69, n. 2, 2002. p. 505-536. Disponível em: http://blogttn.info/dspace/rh/16-07-03.pdf. Acesso em 23 mai. 2020.

FERNANDES, Florestan. **Poder e contrapoder na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FOLHA DE SÃO PAULO. Chomsky escreve a Lula e diz estar 'encantado' com STF ter reconhecido que julgamento foi uma fraude total. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/03/chomsky-escreve-a-lula-e-diz-estar-encantado-com-stf-ter-reconhecido-que-julgamento-foi-uma-fraude-total.shtml. Acesso em 05 set. 2021.

GIRALDO, Javier. **Colombia the genocidal democracy**. Maine: Commom Courage Press Monroe, 1994.

HABILIDADES ESSENCIAIS – REDE ESTADUAL 2020. Disponível em: https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf. Acesso em 19 set. 2021

HABILIDADES DO CURRÍCULO PAULISTA 2021. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wpcontent/uploads/2020/08/CURR%C3%8DCULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf. Acesso em 19 set. 2021

IANNI, Octavio. **Imperialismo e cultura**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1976.

IANNI, Octavio. **Imperialismo na América Latina**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1972.

IANNI, Octavio. **Imperialismo y cultura de la violencia en América Latina**. 4ª. ed. México: Siglo Veintiuno Editores AS, 1973.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, M. (org) **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

LAFFEY, Mark. Discerning the patterns of world order: Noam Chomsky and international theory after the cold war**.** *In:* **Review of international studies**, Cambridge, v. 29, 2003. p. 587–604. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20097878. Acesso em 15 mai. 2020.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca. **Consequências de duas definições de la langue no curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/dDvfT3Tkg3dWFx78w6nbsgw/?format=pdf&lang=pt Acesso em 18 de ago. 2021.

LUCK, Philip. Sociology as practice in humanity: Noam Chomsky, Howard Zinn and social responsibility *In:* **Critical Sociology**, v. 33, Leiden, 2007. pp. 937-955. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Sociology-as-a-Practice-in-Humanity%3A-Noam-Chomsky%2C-Luck/b70212d27234bfa4896e6707313cde60faf59006. Acesso em 12 mai 2020.

LYONS, John. **As ideias de Chomsky**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

MANUFACTURING CONSENT: NOAM CHOMSKY AND THE MEDIA; Direção: Mark Achbar e Peter Wintonick. Estados Unidos: Zeitgeist Videos, 1992. 1 DVD.

MARCUSE, Herbert. **A responsabilidade da ciência**. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/D9dDCGXsSK45s6KtWrWVDwH/?lang=pt Acesso em 14 de ago. 2021.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O papel do psicólogo. *In:* **Estudos de Psicologia.** 1996, 2(1), 7-27. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/?format=pdf&lang=pt

MAILER, Norman. **Os exércitos da noite**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1968.

MORGUENTHAU, Hans. Uma teoria realista da política internacional *In*: MORGUENTHAU, Hans. **A política entre as nações**: **a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de pesquisa de Relações Internacionais, 2003. p. 3-29. Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf. Acesso em 14 jun. 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Carta das nações unidas.** São Francisco, 1945. Disponível em: https://nacoesunidas.org/carta/. Acesso em: 3 jul. 2020.

NOGUEIRA, Arthur H. V. **Kôssovo: província ou país?** Brasília: Funag, 2015. Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/1138-KOSSOVO_Provincia ou Pais.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

ORTIZ, Renato (org.). Bourdieu – Sociologia *In:* **Coleção Grandes Cientistas Sociais.** São Paulo: Ática, 1983. vol. 39. p. 122-155.

OSBORN, Ronald. Noam Chomsky and the realist tradiditon *In*: **Review of international studies**, v. 35, Cambridge, 2009. p. 351-370. Disponível em: https://www.academia.edu/946802/Noam_Chomsky_and_the_realist_tradition_Review_of_International_Studies_2009_. Acesso em: 13 mai. 2020.

REQUIEM FOR THE AMERICAN DREAM: NOAM CHOMSKY AND THE PRINCIPLES OF CONCENTRATION OF WEALTH AND POWER. Direção: Peter D. Hutchinson, Kelly Nyks, Jared P. Scott. Estados Unidos: The Media Education Foundation, 2015. 1 DVD

ROBBINS, Bruce. Chomsky's golden rule: comparison and cosmopolitanism. *In*: **New literary history**, Comparison, The Johns Hopkins University Press Stable, Vol. 40, No. 3, 2009. p. 547-565. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236821873_Chomsky%27s_Golden_Rule_Comparison_and_Cosmopolitanism. Acesso em: 12 mai. 2020.

RUSSEL, Bertrand**. Crimes de guerra no Vietnã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

SILVA, Juliane Paprosqui Marchi da. **Psicologia da aprendizagem [recurso eletrônico]**. Santa Maria, RS : UFSM, NTE, UAB, 2017. Disponível em: https://nte.ufsm.br/images/identidade_visual/MD_PsicologiaAprendizagem.pdf Acesso em: 18 de ago. 2021.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez de.; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilhaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 15ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

THE INTERCEPT BRASIL. Chomsky: 'Eu recém visitei Lula, o mais proeminente preso político da atualidade'. 2018. Disponível em: https://theintercept.com/2018/10/02/noam-chomsky-visita-lula/. Acesso em 05 set.. 2021

WILKIN, Peter. Chomsky and Foucault on human nature and politics: an essencial diference? *In*: **Social theory and practice**. v. 25. n. 2, 1999. Disponível em: https://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/10707/1/FullText.pdf. Acesso em 11 ago. 2021

ZINN, Howard. Or does explode? *In*: **People´s history of the United States**. London, New York: Longman, 1980.